

- ANTÓNIO FELÍCIO PERFIL DO MUNÍCIPE
- MARIA DE LURDES ROCHA VIEIRA OPINIÃO

MARIANA VAN ZELLER

“SINTO-ME UMA EMBAIXADORA DO MEU PAÍS”

Cascalense, convidada das Conferências do Estoril e premiada jornalista da National Geographic Channel.

■ ■ ■ ■
p.16-17



A ARTE DE SER LIVRE!

ARNALDO TRINDADE . CARLOS AVILEZ
JOSÉ JORGE LETRIA . JOSÉ TENGARRINHA

Quatro homens das ideias, das artes, das letras, de Cascais e do país, contam como foram livres de censurar a censura.



■ ■ ■ ■
p.12-13

■ DESTAQUE

Concelho já prepara os celebrações dos 650 anos

p.15

Três importantes historiadores do concelho marcaram os 643 anos do termo de Cascais. A oportunidade certa para José d'Encarnação, Margarida Magalhães Ramalho e João Miguel Henriques olharem para a nossa história e lançaram pistas para o que podemos ser como sociedade que, a 8 de junho de 2014, completa 650 anos.

■ DESTAQUE

Casa das Histórias: o melhor ainda está para vir

p.14

Esta semana, em Londres, Paula Rego e Carlos Carreiras assinaram um acordo que aprofunda a relação entre a artista, a sua família, e a Câmara Municipal de Cascais. Comprovando esta nova fase da vida do Museu, 17 de maio, Dia Internacional dos Museus, inaugura uma nova exposição integrando as obras da artista dedicadas a óperas.

EDITORIAL

Quis o calendário que a edição 25 do “C” correspondesse a uma das mais importantes efemérides nacionais ligadas ao número 25. Falamos, claro está, do 25 de abril. E decidimos tomar parte na evocação da data de uma forma particular. Peculiar. Pelo lado das artes e da cultura, afinal de contas, um dos setores que mais contribuiu, neste como em todos os tempos, para a afirmação da liberdade e da dignidade individual.

A equipa de reportagem do “C”, num extraordinário trabalho documental que nas páginas deste jornal constitui apenas uma pequena amostra do que temos para lhe apresentar - mas que pode seguir também em vídeo nas nossas plataformas na internet (site e Facebook) -, esteve à conversa com nomes maiores do panorama artístico e cultural não apenas de Cascais, mas do país: Arnaldo Trindade, Carlos Ávilez, José Jorge Letria e José Tengarrinha contam-nos como se era livre para censurar a censura antes do 25 de Abril.

Mas nesta edição do “C” há mais. Mais cultura. Destaque para o acordo conseguido esta semana em Londres por Carlos Carreiras, presidente da Câmara Municipal de Cascais, e Paula Rego, a pintora portuguesa mais prestigiada no mundo. Depois do governo ter decretado a extinção da Fundação Paula Rego, que geria a Casa das Histórias, a Câmara Municipal e o representante da artista, o seu filho Nick Willing, encetaram um longo processo negocial que acabou da melhor maneira - com o acordo de Londres - e que promete dar melhor gestão e mais visibilidade interna e externa à Casa das Histórias. A coincidência das vontades da autarquia e da pintora apontam num único sentido: o de fazer da Casa das Histórias uma marca cada vez maior e cada vez mais valiosa da cultura nacional, em Cascais e no mundo.

Ao navegar nas páginas que se seguem, não perca a entrevista a uma cascalense, jornalista de sucesso, que andou por todo o mundo à procura de histórias que ainda não tinham sido contadas. Algumas delas, partilhadas connosco nesta edição na primeira pessoa, por Mariana van Zeller. Fique também a conhecer os novos e relevantíssimos projetos sociais do concelho - o projeto “Viver Melhor para Vencer”, do CRID, e a “Terapia Assistida com Animais”, da Cercica -, saiba de que forma pode ajudar as IPSS do concelho na sua declaração de IRS. E, porque ao fim de tantos anos, a comunidade e a identidade de Cascais se mantêm fiéis ao que sempre foram, contamos-lhe um pouco da nossa história coletiva a propósito de um marco importante que se aproxima: as celebrações dos 650 anos de Cascais, a 7 de junho de 2014.

Cascais Elevada às Pessoas.

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE
Câmara Municipal de Cascais

COORDENAÇÃO
Departamento de Inovação e Comunicação

EDIÇÃO
Gonçalo Venâncio

REDAÇÃO
Ana Cristina Almeida, António Maria Correia, Fátima Henriques, Isabel Alexandra Martins, Laís Castro, Mário Duarte, Marta Silvestre, Patrícia Sousa, Susana Ataíde

FOTOGRAFIA
Inês Dionísio, Laís Castro, Luís Bento, Marta Silvestre, Sibila Lind

MULTIMÉDIA
Ana Laura Alcântara, António Maria Correia, Gonçalo Dias, Miguel Caramelo, Pedro Ramos, Rodrigo Saraiva

GRAFISMO E PAGINAÇÃO
Ana Rita Garcia

TIRAGEM
135.000 exemplares

PERIODICIDADE
Mensal

DEPÓSITO LEGAL
332367/11

Informação atualizada em:
www.cm-cascais.pt
www.facebook.com/CMcascais

Envie-nos comentários e sugestões através do e-mail:
dmco@cm-cascais.pt ou, por carta, para C - Boletim Municipal, Câmara Municipal de Cascais, Praça 5 de Outubro 2754-501 Cascais.

ELEVÓMETRO

■ ■ ■ ■

5
prémios nobel



CONFERÊNCIAS DO ESTORIL

Não um, não dois, nem três, nem quatro. Cinco é o número de galardoados com o Prémio Nobel que vão marcar presença na 3ª edição das Conferências do Estoril elevando o evento a um dos mais importantes fóruns de debate internacionais de 2013. Christopher Pissarides (Economia), **Shirin Ebadi** (na foto), Frederik de Klerk, Mohamed Sali e Lech Walesa (Paz). Nomes que se juntam ao de mais 80 oradores dos quatro cantos do mundo, no Estoril.



PAREDE

Manhã de sábado solar-enga a marcar o início de uma nova vida naquele que já foi conhecido como “Bairro das Marianas” no passado dia 6 de abril. Ao todo, sete novas ruas apontam para o futuro de um local de cara lavada. Muitos populares e familiares associaram-se ao desceramento das novas placas toponímicas que homenageiam sete homens dedicados à Parede e a Cascais: Wenceslau Balseiro Guerra, José Figueiredo da Fonseca, **Luís Marques**, Padre José Baptista da Silva, Francisco Sepúlveda da Fonseca, João Baptista Jacquet e Henrique Barata Pereira.

7
ruas



AGENDA CULTURAL

Diz a sabedoria popular que não se deve ser juiz em causa própria. Abrimos uma exceção. Uma. Para, usando as palavras do crítico António Pinto Ribeiro, no “Público”, falar da nossa Agenda Cultural. Considerada por Pinto Ribeiro como **uma das melhores do país**, a Agenda Cultural é elogiada pelo seu conteúdo programático, design e arrumação. Há 61 edições a levar-lhe o que de melhor se faz na cultura do concelho - e do país - a agenda está a comemorar a sua primeira década de existência. Venham muitas mais.

1400
61
alunos
edições



DESPORTO NA ESCOLA

As atividades “Desporto na Escola 2012/2013” já contaram com a participação de cerca de 1400 alunos. Em modalidades como **Corta-Mato**, Boulder, Basquetebol, Badminton, Voleibol, Ténis de Mesa, Atletismo, Encontro de Surf, Bodyboard e Vela, os alunos das escolas da rede pública do concelho não deixam créditos por mãos alheias e empenham-se ao máximo para mostrar o seu valor. Para os alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico há o Torneio do Jogo do Mata ou o Cascais Gym e Jogos Tradicionais. Importante é garantir que todos fazem bastante exercício!



ORÇAMENTO PARTICIPATIVO

POR CASCAIS, PARTICIPO.
Contribua com as suas ideias.

Sessões de Participação de 4 de Maio a 1 de Junho.

SESSÕES DE PARTICIPAÇÃO PÚBLICA

- 4 MAIO 15h | São João do Estoril | Esc. S. de São João Estoril
- 7 MAIO 21h | Carcavelos | Centro Comunitário de Carcavelos
- 9 MAIO 21h | Malveira da Serra | Aisa - Ass. N.º Sr.ª Da Assunção
- 14 MAIO 21h | Tires | Biblioteca Mun. de São Domingos de Rana
- 16 MAIO 21h | Cascais | Escola da Cidadela
- 21 MAIO 21h | Parede | Escola Fernando Lopes Graça
- 23 MAIO 21h | Alcabideche | Escola do Alto da Peça
- 28 MAIO 21h | Manique de Baixo | Sociedade 31 de Janeiro
- 1 JUNHO 15h | Matos Cheirinhos | Escola Rómulo de Carvalho

OPINIÃO

MARIA DE LURDES ROCHA VIEIRA

CRID: uma referência da nossa comunidade



No nosso Concelho são muitos os rostos da intervenção social dirigida aos cidadãos em geral, e aos grupos sociais mais vulneráveis em particular. Cada um destes rostos transmite uma história, um percurso, uma forma de intervir, uma prática social, uma especificidade. Cada um é único e necessário ao desenvolvimento social sustentável da nossa terra. O CRID é um desses rostos no terreno da intervenção e da protecção social dirigida aos cidadãos com deficiência. Mas é também uma casa aberta à comunidade.

No CRID acreditamos em causas e fazemos delas uma filosofia de vida, por cada objectivo atingido traçamos um novo, num desafio constante na busca de soluções. A crise que estamos a viver, obrigamos a fazer escolhas. Vivemos um tempo novo, cheio de angústias e incertezas, mas apesar das dúvidas que os caminhos em curso nos possam causar, continuaremos a reforçar a esperança e a lutar por uma sociedade onde todos, apesar das diferenças, tenham o seu lugar na sociedade como cidadãos de pleno direito. Queremos fazer o que falta, não duplicar o que existe. Queremos responder às necessidades dos indivíduos e famílias, não inventar problemas. Queremos incluir e integrar, não discriminar nem marginalizar.

Agora, mais que nunca, trabalhar na área social é tarefa de heróis. Fazer mais e melhor com menos, reinventar-mo-nos todos os dias, não é fácil, mas temos de arregaçar as mangas e ir à luta com esperança. As pessoas, já por

si fragilizadas precisam de nós, e não podemos desistir.

O novo projecto do CRID “Viver Melhor para Vencer” é mais um desafio para a nossa responsabilidade, esforço e trabalho, dando continuidade ao que já fazemos, com os olhos postos no alargamento da nossa acção, proporcionando sempre mais e melhores serviços a quem nos procura.

Vamos trabalhar para não desiludir quem acreditou em mais este projecto do CRID e o tornou uma realidade, os Srs. Presidentes de Junta de Cascais, Pedro Morais Soares, e Alcabideche, Fernando Teixeira Lopes. O nosso profundo agradecimento.

Este protocolo que vamos assinar é inovador especialmente pensado para os doentes oncológicos, das freguesias de Cascais e Alcabideche.

As doenças oncológicas continuam a constituir a segunda principal causa de morte em Portugal, tendo um profundo impacto nos doentes, nos familiares e na sociedade, e sendo provavelmente das doenças mais temidas pela população em geral. O doente oncológico necessita de um acompanhamento em várias valências, nem sempre disponíveis com a urgência e proximidade desejáveis. A esta realidade acresce a notória incapacidade económica da maioria dos doentes para custear os cuidados exigidos pela doença.

Com o objectivo de preencher esta lacuna o novo espaço “Viver Melhor para Vencer” é uma ajuda complementar em valências inerentes ao imprescindível tratamento hospitalar que recebem, minorando assim as grandes dificuldades que os doentes oncológicos e seus familiares encontram no sistema de Saúde já de si sobrecarregado. O CRID tentou fazer um levantamento para saber quantos doentes oncológicos existem no Concelho de Cascais, mas não obteve informação actualizada. Não existem dados nem no Hospital de Cascais nem nos Centros de Saúde.

No ano de 2009 existiam no Concelho de Cascais: doentes oncológicos ativos - 5 000; doentes em tratamento - 1500,

dos quais 1000 com terapêutica endovenosa e 500 com terapia oral; doentes em vigilância - 3500; novos doentes por ano - 450.

Atualmente, não existem números que indiquem qual o cancro com maior incidência, mas em função dos diagnósticos de internamento no Hospital de Cascais de pessoas com cancro, tudo indica que os cancros da mama, pulmão e cólon têm maior incidência no concelho de Cascais.

Perante estes dados é importante haver uma Instituição Concelhia que apoie estes doentes, depois da alta hospitalar, com um rosto familiar e onde as pessoas são gente e não números. É assim que o CRID funciona.

É muito importante que este projeto seja alargado a todos os doentes oncológicos do Concelho. Nesse sentido, já pedimos a intervenção do Sr. Presidente da CMC, Dr. Carlos Carreiras. O CRID tem o espaço, os técnicos e os equipamentos. Esta resposta irá funcionar no Centro de Medicina Física de Reabilitação do CRID.

O Centro de Medicina Física já funciona desde 1998. Nele são atendidos por dia uma média de 140/150 doentes nos tratamentos de Fisioterapia em todas as suas valências. A prioridade é sempre para as pessoas com deficiência ou os que tiveram alta hospitalar. Temos acordos com o Ministério da Saúde, quem está isento não paga a taxa moderadora.

Temos ainda as Empresas Sociais, uma experiência inovadora no País, e que surgiu como uma forma alternativa de integração Social e económica de pessoas com deficiência. A C.M.C cedeu ao CRID sete espaços cuja construção financiou, sendo seis deles, no âmbito da cooperação estabelecida com o CRPALcoitão, destinados à instalação de seis unidades de prestação de serviços à comunidade para a integração sócio profissional de doze pessoas com deficiência que fizeram a sua formação profissional na última das entidades referidas. O CRID fez o devido levantamento das necessidades locais e criou o “Complexo Social Integrado de Serviços à Comunidade” em que, para além de outras valências, funcionam seis empresas sociais geridas por doze “empresários”

com deficiência: Papelaria; Reparação de Calçado; Reparação de Electrodomésticos; Salão Cabelereiro/Esteticista; Ajudas Técnicas, Ortopedia e Acessibilidade; Artes Decorativas. No CRID também funciona um CAO-Centro de Actividades Ocupacionais com 45 utentes. Os CAOs destinam-se a jovens e adultos com idade igual ou superior a 18 anos com deficiência mental, motora ou multideficiência que não reúnam as condições necessárias para exercer uma actividade profissional de forma autónoma. Para além da sua vertente educacional o CAO é também uma estrutura de apoio à comunidade (pela inclusão de uma população historicamente excluída), de apoio à família e de apoio individual (potenciando as competências individuais e relacionais do indivíduo pela construção conjunta de um plano de vida individual).

Brevemente, em parceria com a

CMC vai ser lançado o concurso para a construção do Complexo Social Integrado do CRID. Projecto inovador, Integrado, Inclusivo, Intergeracional. Lar Residencial para 48 pessoas com deficiência e 18 Pais velhos. CAO para 30 deficientes profundos. Centro de Dia para 40 idosos, SAD para 60. Creche inclusiva para 99 crianças dos 0/5anos. Horta comunitária onde os idosos passam o seu saber às crianças “Avós e Netos”.

É desalientar o apoio incondicional do Senhor Presidente da CMC e vereação. A sua presença constante, sólida, disponível para concretizarmos aquilo que vamos sonhando de olhos bem abertos. Aos pais que tantas vezes nos falam da angústia onde deixar os filhos quando partirem, está muito próximo o sonho tornar-se realidade, porque “Nenhum caminho é longo demais quando um Amigo nos acompanha”. ■

Presidente do CRID

28º
Festival Internacional
de Bridge do Estoril

14 a 19 de Maio de 2013
Hotel Cidadela Cascais

Swiss Teams
14,15 e 16 de Maio de 2013

Open Pairs
17,18 e 19 de Maio de 2013

CASCAIS

PERFIL DO COLABORADOR

LOURDES CHUVA

Assistente Técnica de Bibliotecas [Biblioteca Infantil e Juvenil]



Mesmo em conversas informais, fora do seu posto de trabalho, Lourdes fala num tom de voz muito suave. Tão suave que apenas o seu interlocutor consegue escutar. É quase como se de um truque de magia se tratasse e nos conseguisse transportar, através da sua voz, para os ambientes de biblioteca. Lá, o sítio onde os silêncios são de ouro. Lá, onde não temos a liberdade de fazer parte das histórias dos livros lidos pelas pessoas à nossa volta. Não é verdade que se costuma dizer que na vida há sempre uma explicação para tudo?

Ora bem, também para Lourdes Chuva há uma explicação. Esta colaboradora contou-nos que vive, desde a infância, entre livros e bibliotecas. “Eu ainda nem sequer sabia ler mas passava o tempo na Biblioteca Condes de Castro Guimarães. Habituei-me muito àquele espaço”. No total soma 42 anos de trabalho em bibliotecas. Atravemo-nos por isso a dizer, que o seu tom de voz ganhou forma quando aos doze anos começou a colaborar com a secção infantil da Biblioteca do Museu Condes de Castro Guimarães.

Lourdes nasceu no Monte Estoril, em 1958 e foi viver para o Parque Marechal Carmona, quando tinha apenas um ano de idade. O pai, o senhor Tavares, já ali trabalhava como jardineiro, e aceitou a casa de função do posto de trabalho onde ficaram alojados. Tinha sete pequenas divisões, e Lourdes adorava brincar naquela que era

uma espécie de sótão, de onde conseguia ver todo o parque e o ambiente à volta do mesmo, sem nunca se deixar avistar. Para uma criança da sua idade era quase como estivesse a viver uma aventura das histórias de encantar. Quando ouviam o sino do portão conseguiam ver da janela quem estava para chegar. A chave enorme do portão de entrada para a casa tornava tudo ainda mais especial e os amigos achavam o máximo. “Ninguém tinha uma

“E eu ainda nem sequer sabia ler mas passava o tempo na Biblioteca Condes de Castro Guimarães.”

chave tão grande”, afirma. Embora Lourdes tivesse mais dois irmãos, as diferenças de idade bastante acentuadas entre eles levaram a que as brincadeiras da filha mais nova do casal Tavares fosse passadas na companhia dos filhos de outros dois funcionários que também ali viviam: a filha de Gabriel, o guarda-noturno do parque, mas principalmente, dos três filhos de Oliveira, o antigo mordomo dos Condes de Castro Guimarães. Jogavam às escondidas, simulavam acampamentos e corriam o parque de bicicleta. Mesmo quando chegava a hora de encerrar o jardim ao público, as brincadeiras con-

tinuavam. Mas Lourdes também chegou a conviver com outras crianças que não viviam no parque; apareciam nas férias de verão e acabavam por ir parar à biblioteca do museu. Ainda se lembra da emoção que sentiu no dia em que a convidaram para ir à piscina da Parada, onde hoje é o Museu do Mar. Mesmo quando os amigos não estavam por perto, Lourdes nunca se sentia sozinha. Dirigia-se à biblioteca e ficava horas na companhia dos funcionários. Os ateliês de pintura, gravura e cerâmica que o museu começou a promover para crianças a partir de 1964, levaram-na a passar ainda mais tempo naquele espaço, com Graça Pessoa de Amorim, a técnica que todos tratavam, carinhosamente, por “Gracinha”.

As atividades do museu começavam, entretanto, a atrair atenções, e o público infantil passou a afluír em maior número. Berta Jonet, uma mãe que costumava ir com os filhos ao Museu-biblioteca, e que mais tarde, veio a ser a responsável pela biblioteca infantil, propõe, à então conservadora do Museu, Maria Alice Beaumont, que se separasse a área infantil da dos adultos. Era preciso arranjar um espaço adequado à sua idade, mais iluminado, com estantes onde os livros estivessem ao alcance das crianças e onde com a natural espontaneidade que as caracteriza, pudessem comunicar sem interferir com a leitura ou o estudo dos adultos.

Foi a partir daí que os livros infantis e juvenis passaram a ter um espaço próprio numa sala contígua à biblioteca dos adultos. “Com um fundo bibliográfico de uma centena de livros davam-se assim os primeiros passos para a constituição da futura Biblioteca Infantil-Juvenil do Parque Marechal Carmona”. As escolas passaram também a frequentar o novo espaço e a afluência do público infantil não parava de crescer, tornando-se necessário aumentar o fundo bibliográfico do mesmo. Em 1971, por intermédio de Branquinho da Fonseca, que já tinha exercido o cargo de conservador do Museu Condes de Castro Guimarães, mas que na época era o diretor do serviço de bibliotecas da Gulbenkian, foi pedido o apoio da Funda-

ção e aquele espaço tornava-se assim na Biblioteca Fixa nº 168 da Fundação Calouste Gulbenkian. Nessa altura percebeu-se que também seria necessário contar com o apoio de mais uma pessoa. Gracinha já tinha percebido o grande entusiasmo de Lourdes em ajudar na preparação das atividades, e por isso, quando esta concluiu a 6ª Classe, e a mãe não permitiu que prosseguisse os estudos em Oeiras, propuseram-lhe que passasse a ser colaboradora da biblioteca. Com a devida autorização dos pais, Lourdes aceita o convite com a maior alegria. Cumpria um horário de duas horas e meia, e ganhava 250 escudos por mês, o equivalente hoje a 1,25 euros. Tinha apenas 12 anos na altura. A Fundação Calouste Gulbenkian ficou responsável pela gestão do acervo. “Passou a fornecer livros regularmente, e com fatura. Para além dos livros, recebíamos formação profissional”, explica Lourdes. O espaço onde hoje está instalada a Biblioteca Municipal de Cascais - Infantil e Juvenil, era na altura, a garagem da carrinha da Biblioteca Itinerante. Mudaram-se para ali em 1975, porque se entendeu juntar a vertente biblioteca aos ateliês, passando-se a designar as novas instalações por Centro Juvenil. “Em Cascais ainda não havia outras bibliotecas, e este espaço exclusivamente dedicado ao público infanto-juvenil era único no país. Um sucesso!”

Como afirma, parece que mesmo hoje, continua a manter o estatuto de biblioteca inteiramente dedi-

cada à população infanto-juvenil, única a nível nacional.

A partir de 2003, a gestão do espaço passou a ser da responsabilidade exclusiva da Câmara Municipal de Cascais.

Quando atingiu a maioridade, Lourdes continuou a apostar na sua formação. Voltou aos bancos da escola e concluiu o 12º ano. Fez diversas formações relacionadas com a sua área profissional, e como nos disse “Todos os dias aprendo coisas novas, conheço pessoas diferentes e encontro muitos amigos que outrora frequentaram a biblioteca infantil, e que agora trazem cá os seus filhos”. Com um grande sorriso, conta que alguns desses pais, tal como ela, ainda eram uns meninos quando os conheceu, e lembra-se bem que às vezes tinha dificuldade em “metê-los na ordem”!

Os pais de Lourdes regularmente e trabalharam durante mais de 30 anos no Parque Marechal Carmona. Lourdes já ali não mora, mas continua a trabalhar na Biblioteca Infantil-Juvenil do Parque. A filha mais velha de Lourdes, contudo, ainda ali viveu e brincou até aos cinco anos.

Tudo somado, podemos dizer que nas páginas da vida de Lourdes, três gerações da sua família tiveram o privilégio de morar num parque à beira-mar plantado. Um daqueles parques que a maioria das crianças só conhece das histórias ilustradas sobre o Jardim do Paraíso.

Lourdes disse-nos que nunca pensou em mudar de funções. Adora o que faz. ■ IAM



CASCAIS

HERB WEINER, MAYOR DE SAUSALITO, DE VISITA A CASCAIS



Sausalito é uma cidade da Califórnia, nos Estados Unidos, com pouco mais de 7000 habitantes. É igualmente uma das mais recentes cidades geminadas com Cascais, onde o mar é o ponto de partida e de chegada de uma união que se faz entre dois povos, duas culturas e dois continentes. De visita a Cascais, Herb Weiner fala com grande orgulho da cidade localizada na área da Baía de São Francisco. E não demora muito até que comece a relatar a forte presença portuguesa há mais de 125 anos em Sausalito e que teve um contributo relevante na construção desta urbe. “Tivemos uma forte presença de portugueses em meados do século XIX. Aliás posso referir que cerca de 25 por cento da nossa população era, na altura, de Por-

tugal”. Mas nem só de portugueses se faz o “melting pot” de Sausalito. Italianos, chineses e mexicanos também contribuíram para o desenvolvimento de uma cidade que comemora a 4 de setembro “apenas” 120 anos. Hoje, os portugueses são em menor número, mas não foram esquecidos quando foi proposta a Cascais uma parceria e que se traduziu recentemente na geminação entre estas dois municípios. “É muito importante não esquecer e entender a história. E para nós esta geminação com Cascais é muito importante. Não só pela ligação que temos com o mar mas também pelo lado turístico que tanto Cascais como Sausalito têm”, refere o mayor. “Apesar de termos uma cidade com

pouco mais de 7000 habitantes, recebem anualmente mais de 1 milhão de visitantes” refere Herb Wenner.

O futuro desta ligação promete ser promissor. Para o responsável de Sausalito, a juventude será o fio condutor da relação entre as duas comunidades. “Queremos parcerias e intercâmbios entre a população mais jovem das duas cidades, que é o nosso futuro e que esta ligação se perpetue durante muitos anos”.

Quanto a Cascais, o autarca americano dispara a resposta mais rápido que a própria sombra: “As pessoas de Cascais encantaram-me. São felizes e têm muito orgulho do local onde vivem.” Caro amigo Herber Weiner: concordamos verdadeiramente consigo. ■ MS

TUDO A POSTOS PARA A 3.ª CORRIDA DA CRIANÇA

Jardins do Casino Estoril, 19 de maio, 9h00

Mário Silva, idade 25, formação Licenciatura em Publicidade e Marketing. Conduz a APCOI desde 2010. O seu maior sonho é poder contribuir para a saúde e bem-estar das crianças. Durante o ano trabalha com uma equipa de 12 pessoas que mobiliza 100 voluntários. Tudo em prol de uma vida mais saudável desde o primeiro momento. Dia 19 de maio o lema da APCOI volta a ouvir-se mais alto nas imediações dos Jardins do Casino Estoril onde decorre a 3.ª Corrida da Criança que este ano conta com a parceria da Câmara Municipal de Cascais. Inscreva-se e participe!

Porquê correr contra a obesidade? Vale mesmo a pena?

Vale cada vez mais a pena. Segundo o relatório “Estatísticas Mundiais de Saúde 2012”, da Organização Mundial de Saúde (OMS) a obesidade é a causa de morte de 2,8 milhões de pessoas no mundo a cada ano. Os dados alertam ainda para o aumento significativo das restantes doenças associadas à obesidade: diabetes, hipertensão arterial e doenças cardiovasculares. Em conjunto, estas doenças representam 2/3 das mortes

no mundo. Tendo em conta que se trata de doenças não contagiosas, mas que resultam, sobretudo, da manutenção de hábitos prejudiciais à saúde, só conseguiremos evitar que esta geração de crianças seja a primeira da história a viver mais doente e a morrer mais cedo do que a dos seus progenitores, se nos unirmos a favor da prevenção do problema que é uma responsabilidade de todos os adultos para com as futuras gerações deste planeta.

É um ciclo grave...

De acordo com os resultados nacionais do estudo COSI 2010 - Sistema Europeu de Vigilância Nutricional Infantil da Organização Mundial de Saúde, conduzidos em Portugal pelo Instituto Nacional de Saúde, na faixa etária dos 6 aos 8 anos, a prevalência de crianças com excesso de peso é de 30,2%, das quais 14,3% são obesas. Não faz sentido que este ciclo alastre e que cada vez mais cedo as crianças comecem a padecer destes problemas.

A prevenção da obesidade infantil deve ser uma prioridade...

Sim, sobretudo numa altura em que a preocupação maior é a pou-

pança económica. Prevenir a obesidade infantil é poupar a saúde das futuras gerações e evitar o desperdício de milhares de euros para remediar o problema quando ele já está instalado! A prevenção da obesidade começa com a adoção de novos estilos de vida, mais equilibrados, como por exemplo: o combate à má nutrição através de uma alimentação saudável ou a luta contra o sedentarismo através da prática regular de atividade física. E, claro, quando a prevenção é feita na infância, conseguem-se sempre resultados mais visíveis e duradouros, porque as crianças aderem mais facilmente à mudança e estão mais predispostas para aprender novos hábitos.

Esta corrida tem um novo formato. Também apela à participação de várias gerações. Quem pode correr?

Qualquer pessoa que queira vir correr ou caminhar no dia 19 de maio e se inscreva! No entanto, sendo uma corrida dedicada às crianças, ninguém corre sozinho! Por isso, qualquer inscrição terá de ser feita sempre em equipa, seja “dupla” ou “familiar”. Nas equipas terá de estar inscrita pelo

menos uma criança com idade igual ou inferior a 12 anos e um participante com idade igual ou superior a 18 anos. Além deles, podem juntar-se os irmãos, os tios, os primos, os avós ou outros familiares e amigos. A única regra é que todos os participantes da mesma equipa, seja qual for a idade, têm de permanecer unidos entre si por um laço desde o aquecimento até à meta, o que só por si é capaz de criar momentos muito divertidos, mas que simboliza também a união e a solidariedade tão necessárias para atingir “as grandes metas da vida”. Essa é talvez uma das maiores lições que esta iniciativa transmite não só às crianças, mas também aos adultos.

Nas edições já realizadas tem havido um número crescente de participantes. Quantas inscrições espera ter neste ano?

Acredito que este ano vamos esgotar as 2500 inscrições antes do último dia! Tem havido um número crescente de participantes... Julgo que se deve ao facto de estarmos a passar por um período tão cinzento em que as pessoas procuram dar um pouco mais de alegria aos seus dias, sobretudo



Além de ajudar a promover uma vida mais saudável, a Corrida da Criança ajuda a angariar fundos para outros projetos desenvolvidos pela APCOI ao longo do ano. É o caso do projeto “Heróis da Fruta – Lanche Escolar Saudável” que visa motivar as crianças portuguesas até aos 10 anos para a ingestão diária de fruta. Por ano são já mais de 36 mil os alunos envolvidos em todo o país.

quando se trata de proporcionar saúde e diversão às crianças! As pessoas têm vindo a perceber que esta corrida não é apenas um evento desportivo, mas uma grande festa para toda a família que reúne diversas atividades, entre as quais: mascotes ao vivo, jogos pedagógicos, insufláveis, rastreios de saúde, ateliers infantis, workshops de alimentação saudável e muito mais! ■ FH



■ CASCALENSES PELO MUNDO

NUNO GALVEIA UM REINO NÃO CHEGA QUANDO SE TEM CASCAIS

■■■■

A equipa do “C” foi a Terras de Sua Majestade visitar a “mais velha aliança do mundo” através dos olhos do nosso “Cascalense pelo Mundo” desta edição. Apresentamos-lhe Nuno Galveia, *manager* de Segurança da Informação numa multinacional cervejeira do Reino Unido, fã de tecnologia, apreciador de bons vinhos e cascalense onde quer que esteja. Conheça um pouco mais do modo de vida britânico por quem vive com vista privilegiada para uma das maiores metrópoles do mundo: Londres. Para quem Cascais será sempre Cascais.

Nuno, sempre foi um cascalense fiel, mesmo quando a vida o levou para paragens mais ou menos distantes...

É verdade. Nasci e sempre vivi em Cascais antes de me mudar para o estrangeiro, há pouco mais de quatro anos. Mesmo depois de começar a trabalhar em Lisboa não abdiquei de continuar a viver em Cascais, apesar do esforço adicional que isso implicava todas as manhãs. Era um pequeno preço a pagar pelo privilégio de poder dar um passeio no Guincho ou na baía depois de um dia de trabalho.

Como é que foi o seu percurso aqui em Cascais e quais as principais memórias que guarda do tempo em que a Vila era a sua casa a tempo inteiro?

Sinto que entro verdadeiramente em casa cada vez que chego a Cascais. Estudei nos Salesianos do Estoril, uma experiência fantástica e onde fiz grandes amigos que ainda mantenho. Passei grande parte da infância e adolescência entre o Guincho, Cascais e Estoril. As melhores recordações são as férias de Verão com os amigos, passadas entre a praia do Guincho (quando não há vento é das melhores praias do mundo), o paredão, o centro antigo de Cascais à noite e algumas discotecas já desaparecidas como o News (sem faltar o pão com chouriço), o Coconuts e outras que ainda existem, como o Bauhaus.

Depois dos Salesianos segue-se a Universidade Católica...

Para tirar a licenciatura em Administração e Gestão de Empresas.

E começou a trabalhar mesmo antes de acabar o curso...

Exatamente, através de um estágio de verão, numa empresa de Tecnologias de Informação, a Echiron. Antes disso era frequente trabalhar nas noites de Verão no restaurante que era dos meus pais, o Porto de Santa Maria. Foi uma experiência ótima porque me dava responsabilidades, contactava com imensos portugueses e estrangeiros, contribuía para o meu orçamento e ainda podia ir à praia durante o dia e sair à noite com os amigos. Depois da licenciatura

entrei na Telecel, mais tarde a Vodafone, onde desempenhei funções relacionadas com Gestão de Fraude e Segurança. Foi muito interessante mas ao fim de oito anos senti que precisava de mudar se quisesse continuar a crescer profissionalmente. Aí surgiu a oportunidade de ser destacado para a sede, em Inglaterra.

Mas depois da Vodafone surgiu outro desafio...

Sim. Estou numa multinacional da indústria cervejeira a coordenar as políticas de segurança e a gestão dos riscos nos 37 países onde operamos.

A decisão de mudança para Inglaterra foi difícil?

A decisão, a dois, foi relativamente fácil. Inicialmente era para ter ido só por um ano e meio, já conhecia a cidade para onde iria viver e tanto eu como a minha mulher gostamos de viajar e conhecer novas culturas. A decisão difícil foi depois, quando surgiu o convite para ficar permanentemente. Nessa altura, a situação em Portugal já se agravava, as condições oferecidas em Inglaterra foram muito superiores e como estávamos a gostar da vida por cá, resolvemos ficar mas sabendo que o regresso, sempre no nosso horizonte, seria mais complicado. Depois da família e dos amigos, é de Cascais que sentimos mais falta.

A adaptação foi difícil? Como é que é a vida em Berkshire?

A adaptação foi relativamente fácil até por causa do apoio da minha mulher. Tentamos aproveitar ao máximo para conhecer o país e a cultura. Durante a semana não há muito tempo livre, apesar de o trabalho começar e terminar cedo, fecha tudo às 18 – com exceção dos restaurantes e pubs! Ao fim de semana, se o tempo permitir, visitamos algum ponto de interesse turístico, passeamos pelos parques e pelas lojas (risos). Há também uma pequena comunidade Portuguesa com quem estamos frequentemente e temos um grupo de amigos Ingleses em que todos temos filhos da mesma idade. Na alimentação variamos entre comida Portuguesa e Inglesa (sim, existe!). O que custa ainda mais que o tempo é anoitecer tão cedo no Inverno. Em novembro e dezembro escurece antes das 16 e isso para mim é pior que a chuva

e o frio. Também não é fácil habituarmo-nos ao frio, à chuva e ao Inverno. Os Ingleses costumam dizer que no ano passado, o Verão calhou numa quinta-feira!

Vive bem perto de uma das mais cosmopolitas cidades do mundo. Consegue encontrar algum ponto de contacto entre Cascais e Londres?

Quanto se está em Piccadilly Circus ou Oxford St, a qualquer hora de qualquer dia, temos mesmo a sensação de estar no centro da Europa. Há sempre multidões de várias nacionalidades e origens a viver e a respirar cidade. Numa escala diferente, Cascais, é também um local muito cosmopolita, com uma diversidade incrível de nacionalidades, em especial na Páscoa e no Verão. Em quase tudo o resto há um mar de diferenças mas Cascais nem sempre fica a perder.

O que é que mais o seduz no espírito e na vida britânica? E o que é que mais te tira do sério?

Gosto da forma como se trabalha. Gosto da pontualidade e da forma organizada e disciplinada como a maioria das coisas estão estruturadas. Faz-me confusão que as pessoas tenham tanta dificuldade em expressar emoções e sejam tão reservadas. A venda de cartões com mensagens para qualquer ocasião, como alternativa a expressar pessoalmente um sentimento, é um negócio de grande sucesso em Inglaterra.

Está há mais de quatro anos no Reino Unido. Sente, ainda hoje, falta de alguma coisa que dava como adquirida em Cascais, seja ela material ou imaterial?

Sim, estar a um passo da família e dos amigos e de poder passear à beira-mar. Com a distância passamos a valorizar mais esses momentos e quando temos oportunidade de passar uns dias em Cascais, saboreamos esses pequenos prazeres com alegria redobrada.

O vosso filho já nasceu em Inglaterra, em Oxford. Isso mudou a perspetiva que se tem da cidade e do país?

Muda, já estamos a pensar como será quando Portugal jogar contra Inglaterra (risos). Portugal estará sempre em primeiro nos nossos corações e tentaremos inculcar isso no nosso filho à medida que

for crescendo mas sabemos que vai depender do sítio onde ele for criando raízes. Inglaterra será sempre um lugar especial, não só por nos ter acolhido mas por ser a terra natal do nosso filho.

Porque a atualidade também nos puxa para isso, como é que os britânicos viveram o luto por Margaret Thatcher?

A grande maioria considera que a Baronesa Thatcher teve um impacto muito positivo e contribuiu, na generalidade, para o desenvolvimento da sociedade Britânica. As privatizações, na década de 80, permitiram transformar empresas públicas deficitárias em negócios privados lucrativos, com todos os benefícios que isso trás para o estado, para a economia e para as pessoas.

É um observador privilegiado da realidade britânica. Como é que os ingleses, neste momento, olham para a Europa e para crise portuguesa? Aliviados por não pertencerem ao euro?

Já estavam aliviados por não pertencer ao Euro ainda antes da atual crise financeira. Privilegiavam muito a força da Libra, a independência e a autonomia das políticas económicas, que não poderiam ter caso tivessem aderido à moeda única. Mas olham, naturalmente, com preocupação, até porque metade das exportações são para a Europa comunitária e porque os britânicos são chamados a contribuir com ajuda para os países em dificuldade - ainda que em menor proporção que os países do Euro. Acredito que o Reino Unido não sairá da UE e as tomadas de posição nesse sentido são estratégias negociais, internas e externas. Já Portugal não é irrelevante mas não está no topo das preocupações dos Ingleses.

Quanto se apresenta como português, sente que o Tratado de Windsor ainda vive no espírito britânico?

Sinto que existe alguma empatia em relação a Portugal, pela interação militar e trocas comerciais nos últimos séculos, pelo sucesso de jogadores e treinadores de futebol Portugueses e pela proximidade ao Algarve, onde muitos Ingleses têm casa ou jogam golfe. Mas eu diria que poucos Ingleses têm presente a existência do Tratado de Windsor. ■



**NUNO GALVEIA
38 ANOS**

**PROFISSÃO:
MANAGER DE SEGURANÇA
DA INFORMAÇÃO**

**CIDADE DE ACOLHIMENTO:
BERKSHIRE, REINO UNIDO**

**DISTÂNCIA A CASA:
1595KM**

CASCAIS

PERFIL DO MUNÍCIPE

António Felício

■ ■ ■ ■

Fotos: Sibila Lind e DR



A imprensa livre é um dos pilares da liberdade. Numa fase em que tanto a imprensa nacional como a regional passam por conhecidas dificuldades, aproveitamos o simbolismo do 25 de abril para conhecer quem deu um contributo ao importante mundo da comunicação. A rubrica "Perfil do Município" assume uma roupagem diferente. Apenas nesta edição, é escrito na primeira pessoa por um jornalista que muitos em Cascais conhecem bem. António Felício fala-nos da sua vida, ao longo da qual registou momentos como a guerra em Angola, o 25 de abril vivido em Portugal e as mudanças operadas na nossa sociedade nas longas décadas percorridas até aqui. Fala também do seu amor pelo mar e como essa força o conduziu a Cascais da década de 70. Uma história que celebra a liberdade, escrita em modo biográfico por quem fala do homem para lá do jornalista.

"Nasci no Lobito (Angola), uma cidade que, dizem, o nome tem origem em olu-pitu que significa "porta" para o mar. É que o Lobito embora seja maior, a parte mais bonita e a inicialmente mais habitada, desenvolve-se numa língua de areia, a restinga, de cerca de 10 quilómetros de comprimento, por 500 de largura. Naturalmente que a minha juventude, grande parte da minha vida, esteve sempre ligada à baía e ao Atlântico, razão para que tenha praticado desportos náuticos. Natação, remo, caça submarina mas principalmente a

"Se a Madeira é a Pérola do Atlântico, Cascais tem as cores, o brilho de todas as joias."

vela, o meu desporto de eleição. Não só porque era bom praticante, ganhando prémios, mas porque ocupava os meus tempos livres. O meu mundo resumia-se, acabava, naquele farol que limitava a saída da baía. Mas contra o mais indicado, não respeitando as regras, velejava até perder terra de vista, para tentar vislumbrar o outro lado do mundo, o que naturalmente não surtia outro efeito que não o da sensação de liberdade. Isto num pequeno barco à vela de uma classe que não sei se ainda existe: Sharpie de 9m2, nada aconselhável para o alto mar. Visto agora, à distância, parece que gostaria de ser velejador solitário. Fora do banco, para onde a vida profissional me levou, trabalhava também como instrutor de vela da Mocidade Portuguesa. Colaborei também, como locutor, no Rádio Clube do Sul de Angola, rádio local que mais tarde alterou o nome para Rádio Clube do Lobito. Sou do tempo da onda média (a frequência modelada chegou mais tarde), dos gravadores portáteis de manivela, dos noticiários enviados pela Agência Lusitânia, com a maioria das vezes de leitura direta, com muito cuidado, dado que estava lá escrito, "ponto", "vírgula", etc. Recordo-me de ter apresentado o Duo Ouro Negro na sua primeira deslocação a Angola. Com a vida militar, acabou-se a vela. No regresso, continuei apenas com a rádio, trabalho que, quase a contragosto, me levou a gostar de música sinfónica: era eu que estava de serviço nas duas noites que a rádio dedicava a este tipo de música, com leitura do libreto e tudo o mais... O que de início era uma estopada, acabou por entrar na minha vida e deixei de poder passar sem ela. Em 1963, com a transferência da minha atividade profissional para Benguela fui também para o Rádio Clube local. Foram três

anos de bons programas que não me envergonhariam nos tempos atuais.

Em 1966, deixei a minha terra. Por razões familiares aceitei a transferência para Portugal. Uns dias de estágio em Lisboa, um ano no Porto e de novo Lisboa. Mas os meus contactos com a rádio continuaram dado que o RCB me nomeou correspondente.

Com o 25 de Abril fechou-se o ciclo.

Em 1971 vim residir pra o concelho de Cascais. Queria estar perto do mar e Cascais encantava-me. Vou muitas vezes à Marina, sonhando navegar num daqueles veleiros bem diferentes do "mini" do passado. Escolhi Cascais, uma terra que, muitas vezes, só valorizamos no regresso após uma prolongada ausência. Quando descortinamos a Baía, comprovamos que, se a Madeira é a Pérola do Atlântico, Cascais tem as cores, o brilho de todas as joias.

Com a chegada das chamadas rádios piratas, resolvi concorrer. Fui logo aceite, a minha experiência de África teria valido. Foi interessante mas...Eram muito poucos ou quase nenhuns os programas devidamente estruturados. Inicialmente fiz "Suave é a Noite" com as escolhas não só musicais, de acordo com o tema. Posteriormente o "Café da Manhã" que alterei para "Baía de Cascais". Dava-me muito trabalho mas valia a pena. De 15 em 15 dias tinha um entrevistado em estúdio o que me levava a fazer uma pesquisa sobre o mesmo, que até os surpreendia. Recordo, entre outros, Walter Lopes (músico brasileiro) Carlos Teixeira e Viana Mendes, diretores do Jornal da Costa do Sol e da revista A Zona, respetivamente, José Man (artista plástico), José d'Encarnação (professor catedrático, arqueólogo, jornalista) José Abrantes (ex-profissional de futebol), Oscar Guimarães (presidente da Junta de Freguesia de Cascais). Ainda guardo o que me deixaram escrito depois da presença em estúdio.

Viana Mendes declarava que "foi bom ter estado no Café da Manhã, como será um prazer tê-lo na nossa equipa d'A Zona". E aconteceu, até porque depois de 35 anos



como bancário (não banqueiro) reformei-me.

Foram excelentes anos de Comunicação Social Regional de que guardo boas recordações. Mas tudo acabou. Uns colegas afastaram-se, outros faleceram e a imprensa regional quase não existe. Ainda colaboro com a revista "Sekreta" Digital mas já sem aquele fulgor anterior. Resumo a colaboração e mais por amizade ao seu diretor.

Vou agora desfolhando as páginas da vida, olhando para os prémios conquistados no desporto e para os que amaldiçoei na Imprensa Regional. Prémio de Reportagem da Câmara Municipal de Cascais; Medalha de Mérito Jornalístico e Diploma da Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana; Placas de Agradecimento da Associa-

ção de Setas de Lisboa e do Desportivo Monte Real; Troféu de Agradecimento pela colaboração ao Autódromo do Estoril; também do Autódromo, o medalhão João Pedro Teotónio Pereira. E dezenas de outras recordações das Câmaras de Cascais, Oeiras e Sintra, de coletividades dos concelhos. De Cascais terei de todas. Não é por vaidade, mas por satisfação de que fiz algo de útil para com a imprensa regional.

Somo 79 anos e no dia 1 de maio farei 61 anos que comecei na rádio. Tudo tem um fim. Chega. Dizem-me muitas vezes, que tenho histórias que dariam para escrever um livro. É verdade. Porque não o fazes, perguntam.

Respondo com uma fábula de Esopo "Não suba o sapateiro acima da chinela".

ANTÓNIO QUADROS

OBRA, PENSAMENTO, CONTEXTOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

Nos 90 anos do seu nascimento e 20 da sua morte

13, 14 e 15. maio. 2013 - Portugal
05. junho. 2013 - Brasil

<http://colouquio-antonioquadros.blogspot.pt>

13 de maio
Auditório do Centro Cultural de Cascais
Av.º Rei Humberto II de Itália
18h30 (saraus literários)

14 e 15 de maio
Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima, Lisboa
09h15 (Edifício Antigo), Auditório 2

05 de junho
Real Gabinete Português de Leitura
Rua Luiz de Camões, nº 30, Rio de Janeiro
09h15

Maria Chavica Silva

■ CASCAIS

BOLAMA RECEBE BIBLIOTECA, FRUTO DE UMA PARCERIA COM A CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS



A cidade de Bolama, na Guiné-Bissau, conta com um novo espaço cultural. Falamos-lhe da primeira biblioteca municipal equipada com 55 mil livros com temas escolares e de ficção em língua portuguesa. Um edifício classificado pelas entidades locais como “histórico” e que foi recuperado pela Câmara Municipal de Cascais ao abrigo do acordo de cooperação entre o nosso concelho e Bolama. Este novo espaço vem proporcionar um maior acesso à cultura por parte de uma comunidade que apesar da distância de quase cinco mil quilómetros, está agora mais perto e mais unida a Cascais e aos cascalenses. Presente na inauguração deste espaço, Alexandre Faria, vereador das Relações Internacionais, salientou a importância deste novo equipamento “não só para os estudantes, como também os professores, que assim passam a dispor de recursos que não tinham em qualquer outro sítio do país”.

Enriquecida com um acervo documental variado e que totaliza

55 mil títulos, a nova biblioteca resulta de um investimento de 62 mil euros. Antecipando as futuras necessidades de manutenção do espaço, a CMC criou desde logo condições para que este equipamento cultural fosse autossustentável. O projeto incluiu painéis solares que garantem o fornecimento de energia necessário para o funcionamento de equipamentos informáticos como computadores, impressoras e uma fotocopiadora, oferecidos pela CMC no âmbito desta parceria. “No fundo, a CMC criou as condições para a recuperação de um edifício histórico”, explica Alexandre Faria.

Na capital, em Bissau, o país dispõe de outros equipamentos ligados ao Centro Cultural Português, ao Centro Cultural Brasileiro e ao Centro Cultural Francês. Não são, porém, como refere o autarca, “bibliotecas com estas características, nem têm as potencialidades em termos escolares e culturais que este espaço, felizmente, apresenta”.

A cerimónia de inauguração da biblioteca foi muito vivida pela

população local. Como forma de reconhecimento pela obra realizada, a comunidade local homenageou os cascalenses atribuindo ao arruamento onde se situa a biblioteca o topónimo “Cascais”.

SAÚDE NA MIRA DA COOPERAÇÃO

Além da vertente cultural, a cooperação Cascais-Bolama tem também presente a área da saúde. Para já o hospital local está a gerir uma ambulância cedida pela Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Cascais, mas em breve, o edifício agora recuperado para abrir a biblioteca será também aproveitado para criar um novo posto clínico em parceria com o Hospital de Bolama, sendo geridas pela ONG Pro-Bolama. Para além desta componente de saúde, todo o terreno envolvente à biblioteca vai ter espaços para conferências, colóquios e também albergar a futura rádio comunitária de Bolama. ■ MD



26-28 abril
9h00-19h00

MERCADO dos JARDINS

MERCADO DA VILA . CASCAIS

PLANTAS • FLORES • EQUIPAMENTOS • MÁQUINAS
MOBILIÁRIO URBANO E DE JARDIM • ACESSÓRIOS PARA JARDINAGEM • WORKSHOPS • ANIMAÇÃO INFANTIL

Entrada gratuita
www.cm-cascais.pt

MERCADO DOS JARDINS

No âmbito do projeto integrado de reorganização e requalificação do mercado municipal de Cascais, que tem sido acompanhado pela realização de um conjunto de eventos e mercados temáticos, a Câmara Municipal de Cascais e a DNA Cascais – Empreendedorismo e Comércio – promove, entre 26 e 28 de abril, o Mercado dos Jardins.

Nesta iniciativa, estarão presente cerca de 46 expositores e os visitantes podem contar com uma mostra de produtos e serviços relacionados com a temática de jardins, incluindo plantas, flores, equipamentos, mobiliário e acessórios de jardinagem.

O evento, dirigido a toda a família, conta ainda com workshops e atelier para profissionais e amadores.

Para mais informações consulte www.cm-cascais.pt



21-27 abril

SEMANA do PASTEL de BACALHAU

ALCABIDECHE . CARCAVELOS
CASCAIS . ESTORIL . PAREDE
S. DOMINGOS DE RANA

www.cm-cascais.pt

CONCURSO
O melhor pastel de bacalhau de Cascais
(destinado para os restaurantes aderentes)
Degustações . Tasquinhas
Prova de vinhos . Música
... e muita animação!

SEMANA DO PASTEL DE BACALHAU

Não há casa, adega ou restaurante que não apresente um pastel ou bolinho de bacalhau. O petisco popular apreciado pelos portugueses vai ter uma semana inteira dedicada à sua confeção e degustação. O pastel de bacalhau é rei e senhor na “Semana do Pastel de Bacalhau” que decorre, em Cascais, de 21 a 28 de abril. Promovida pela Câmara Municipal de Cascais, com a parceria da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, a iniciativa visa promover um dos produtos gastronómicos mais

enraizados na cultura portuguesa. Durante sete dias, vários restaurantes aderentes à iniciativa municipal vão apresentar menus de pastéis de bacalhau a cinco euros ou promover a degustação desta iguaria por um euro. Durante a semana vai ainda decorrer o concurso “Melhor Pastel de Bacalhau de Cascais” e ter lugar um Mercado de Rua em que o pastel de bacalhau será rei. No dia 21, Cascais também será palco do programa “Somos Portugal” da TVI, onde o Chef Vitor Sobral irá convencionar os famosos pastéis.

CASCAIS



CERCICA GANHA ESPAÇO PARA TERAPIAS ASSISTIDAS COM ANIMAIS

“A Cercica é uma instituição de referência. Não só em Cascais mas para o país.” As palavras são do Ministro da Solidariedade e Segurança Social, Pedro Mota Soares, que no passado dia 4 de abril acompanhou o presidente da Câmara Municipal de Cascais e muitos amigos e profissionais da Cercica na inauguração do seu novo edifício de Terapias Assistidas com Animais (TAA). Mais uma vez, a Cercica, dirigida por Rosa Neto, volta a estar na linha da frente na inclusão de cidadãos portadores de deficiência recorrendo a técnicas inovadoras e a processos de tratamento onde os principais agentes de terapia são os melhores amigos do homem: o cão. “Esta é uma resposta do melhor que se faz a nível nacional e internacional”, considerou o Ministro na visita às instalações do Edifício das Terapias Assistidas com Animais. As TAA são consideradas, de há muito tempo a esta parte, como instrumento fundamental



para o equilíbrio emocional das pessoas com distúrbios. As TAA são, igualmente, um meio extraordinariamente eficaz na integração social dos cidadãos com problemas comportamentais

e de interação social. A partir de 4 de abril, e acrescentando mais uma extraordinária resposta à já vasta rede local, as TAA passam também a fazer parte da realidade dos utentes da Cercica,

uma IPSS que os cascalenses se habituaram a conhecer pelo relevante trabalho na inclusão e integração de pessoas portadoras de deficiência. Carlos Carreiras salientou isso mesmo, mostrando-

se “orgulhoso” com o trabalho de “dignidade e amor ao próximo” realizado na Cercica. “Quando aqui estou, é impossível ficar indiferente à mistura de emoções que sinto. Fundamentalmente porque nesta casa se sente e respira um ambiente de amizade. Amizade que hoje [4 de abril] deixa de ser um exclusivo nosso - e quando digo nosso digo dos cidadãos de várias proveniências - mas que é também alargada aos nossos amigos de quatro patas, pelos direitos de quem também temos lutado neste concelho”, concluiu o presidente da Câmara.

“Esta é uma resposta do melhor que se faz a nível nacional e internacional”

[Pedro Mota Soares, Ministro da Solidariedade e Segurança Social]

CRID: VIVER MELHOR PARA VENCER

A sala encheu-se para assistir à assinatura do acordo de colaboração para criação do espaço “Viver melhor para Vencer”. A razão não é para menos: as Juntas de Freguesia de Cascais e Alcáideche unem-se aos esforços do Centro de Reabilitação e Integração de Deficientes (CRID) para dar uma luta incansável a uma das mais devastadoras doenças da sociedade contemporânea: o cancro. Ao abrigo do novo acordo celebrado pelas duas juntas e pelo CRID, os fregueses de Cascais e Alcáideche com maiores vulnerabilidades económicas podem dirigir-se ao novo espaço para realizar tratamentos após alta hospitalar na sequência de casos oncológicos. Carlos Carreiras, presidente da Câmara Municipal de Cascais, deixou palavras de grande elogio à equipa do CRID e considerou que Cascais ficou mais forte com o espaço “Viver melhor para Vencer”. “Esperamos que todos aqueles que tenham o infortúnio

de se cruzar com esta doença cobarde, encontrem aqui um porto de abrigo, uma palavra amiga. E que, fazendo jus ao nome, que aqui encontrem razões para vencer. Que neste espaço, haja muitos vencedores.”

Dirigido por Maria de Lurdes Rocha Vieira, e com grande intervenção social, o CRID, nos últimos anos, tem apoiado com

recursos próprios dezenas de doentes nestas condições. A partir de agora, com a entrada da Junta de Freguesia neste projeto, o financiamento disponível é alargado, contando o projeto com mais 10 mil euros. O desafio, agora, nas palavras de Maria de Lurdes Rocha Vieira, é alargar este apoio do CRID à totalidade das freguesias e Cascais. ■



PORTAL DO UTENTE APROXIMA CIDADÃOS DO SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE

Está já em pleno funcionamento o Portal do Utente, uma nova aposta do SNS - Serviço Nacional de Saúde. Utilizando as Tecnologias da Informação e da Comunicação, o SNS conta agora com um portal próprio (<https://servicos.min-saude.pt/utente/portal/paginas/default.aspx>) onde os cidadãos se podem inscrever e partilhar a sua informação de saúde.

À distância de um clique, e indiferente a questões habitualmente problemáticas como distâncias, barreiras físicas, filas de espera e horários, a informação fica disponível para qualquer técnico do SNS (médicos de famílias, assistência hospitalar, situações de emergência). Através do seu número de utente, os clínicos do SNS podem consultar todo o historial clínico, alergias, consultas, facilitando um diagnóstico e respetiva terapêutica em caso de doença. Serviço eAgenda. No Portal do Utente é também garantido acesso ao serviço eAgenda que,



entre outras facilidades, permite a marcação ou cancelamento de consultas e pedido de receituário crónico a partir de um contacto via internet a partir de casa. Além disso, em casa e à hora que entender, o utilizador do PORTAL DO UTENTE pode simular pedidos de isenção para saber se terá direito; apresentar reclamações quanto ao apuramento do valor do rendimento médio mensal; e aceder a serviços online como o RNU - Registo Nacional de Utentes, ao SIGIC - Sistema Integrado de Gestão de Inscritos para Cirurgia e ainda ao eVacinas. ■

■ CASCAIS

CASCAIS DEVOLVE AOS MORADORES 4,6 MILHÕES DE EUROS DE IRS

“Só 40 autarquias devolvem o IRS a moradores” é o título de um artigo publicado pelo “Dinheiro Vivo” já em abril, no primeiro dia de entregas do IRS. O jornal especializado em economia prossegue: “o número é o mais baixo de sempre: apenas 40 autarquias vão devolver parte do IRS aos moradores e apenas duas delas fazem parte da Grande Lisboa.” Cascais é uma delas. As contas são fáceis de fazer: o país tem 308 municípios e, destes, apenas 40, ou seja 13%, devolve IRS. Olhando para a grande Lisboa, dos nove municípios apenas dois devolvem o imposto. Naturalmente, em ambas as contagens, Cascais faz parte da lista exclusiva de municípios que devolvem o imposto aos seus munícipes. E em maior percentagem. Em valores absolutos, a Câmara Municipal

de Cascais vai devolver, já este ano, 4,6 milhões de euros aos contribuintes. Um valor que compara, por exemplo, com 702 mil euros da Amadora, a outra autarquia do país que avança nos reembolsos da coleta líquida de IRS.

A medida da Câmara Municipal de Cascais tem efeito já este ano, ao contrário da maioria das autarquias que em 2013 anunciaram devoluções de IRS, e deriva de um vasto pacote fiscal anunciado em 2011 com efeitos em 2012. Para este ano, a Câmara Municipal de Cascais anunciou a manutenção dos cortes na formação do IRS - de 5% para 3,8% - para além de isentar de Derrama as Pequenas e Médias Empresas, de anular as Taxas de Direitos de Passagem e de ter baixado o IMI para 0,39 nos imóveis avaliados. ■



INSTITUIÇÕES DE CASCAIS HABILITADAS A RECEBER 0,5% DO IRS

. **Associação das Aldeias de Crianças SOS**
NIF. 500846812

. **O Nosso Sonho | Cooperativa de Ensino e Solidariedade Social, C.R.L.**
NIF. 501799044

. **Centro Social Paroquial de S. Pedro e S. João do Estoril**
NIF. 50845690

. **Fundação AMI**
NIF. 502744910

. **Ideia | Instituto para o Desenvolvimento Educativo Integrado na Acção**
NIF. 502918020

. **CRID | Centro de Reabilitação e Integração de Deficientes**
NIF. 504382101

. **TorreGuia | Cooperativa de Solidariedade Social, CRL**
NIF. 504855654

. **Cercica | Cooperativa para Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Cascais, CRL**
NIF. 500594120

. **Obra de Santa Ana | Associação A J I Deficientes Motores**
NIF. 502173629

. **Centro Comunitário da Paróquia de Carcavelos**
NIF. 502127600

. **Santa Casa da Misericórdia de Cascais**
NIF. 500876240

. **Cruz Vermelha Portuguesa**
NIF. 500745749

. **Associação Jerónimo Usera**
NIF. 505298562

. **Cooperativa | Cooperativa de Desenvolvimento Social**
NIF. 505252589

. **Associação Novo Futuro**
NIF. 503793248

. **Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]**
NIF. 502547952

. **CADIn | Centro de Apoio ao Desenvolvimento Infantil**
NIF. 506285871

. **Fundação Champagnat Casa da Criança de Tires**
NIF. 503743712

. **Associação Helpo**
NIF. 507136845

2012: RECORDE DE DORMIDAS EM CASCAIS. TURISMO LOCAL EM CONTRACICLO



Ao todo são mais de um milhão e cem mil dormidas. Porque os números importam e para sermos rigorosos são, na verdade, 1.136.943 dormidas. Este número representa um salto de 3% face ao ano anterior o qual já tinha sido o melhor de sempre em termos de resultados turísticos. Apesar dos principais mercados emissores de turistas - Portugal

e Espanha - apresentarem diminuições consideráveis, 17% e 15%, respetivamente, a boa performance do turismo em Cascais deve-se, em larga medida, a um esforço de diversificação nos mercados de operação turística. Há um leque cada vez mais abrangente de mercados que procuram o nosso destino, e notam-se elevados acréscimos

na procura por parte do mercado alemão (+21%), Escandinávia (+25%), Bélgica (+16%), França (+14%), Holanda e EUA (+13%) e Irlanda (+11%), sendo ainda de referir que este conjunto tem um peso superior a 50% do total de dormidas em Cascais.

Saliente-se ainda que a estadia média ultrapassou os três dias. Um aumento em contraciclo com os restantes destinos turísticos e que se deve a uma política consistente de revitalização da atividade económica e da promoção da identidade local. Esta política traduz-se na oferta de um produto mais consolidado e atrativo, que permite a extensão da estadia e maiores níveis de satisfação final. Muitos dos que nos visitam partem com o desejo de voltar e admitem aconselhar Cascais a terceiros. Isto mostra que, tão ou mais importante do que captar novos turistas é sem dúvida fundamental fidelizar os atuais. As perspetivas para o futuro são animadoras porque Cascais está ainda longe de operar em todo o seu potencial.

Carlos Carreiras, presidente da Câmara Municipal de Cascais, explica a estratégia que tem alimentado a boa performance turística da região: “A nossa estratégia está assente em dois eixos: o de longo prazo e o de curto prazo. No longo prazo, o que fizemos foi reabilitar o nosso património edificado, proteger o património ambiental, dotar o concelho de todos os equipamentos essenciais e de boas redes de infra-estruturas. Com isto trabalhamos tanto para a atração turística como para a melhoria da qualidade de vida dos cascalenses”, assinala o autarca. “Quanto ao curto prazo, apostámos em força nos grandes eventos internacionais e no reforço das marcas tradicionais Cascais e Estoril e na promoção de novos produtos associados às marcas Carcavelos e Guincho”, prossegue Carlos Carreiras mostrando-se confiante quanto à evolução dos números: “A nossa boa prestação turística deve-se muito ao efeito das políticas de curto prazo. Devido à sua



“Acredito que o melhor ainda pode estar para vir.”

natureza estrutural, os motores de crescimento turístico de longo prazo demoram mais tempo a produzir efeitos. Acredito, por isso, que o melhor ainda pode estar para vir. Maximizaremos o nosso potencial quando as duas estratégias, a de curto e de longo prazo, estiverem a produzir os seus melhores resultados em simultâneo”, termina Carlos Carreiras. Há ainda a registar a consolidação e reforço dos indicadores de consumo ao nível do preço médio, bem como do RevPAR (revenue per available room). ■

CASCAIS

A MELHOR EDITORA DA EUROPA DE LIVROS INFANTIS É DE CASCAIS

Planeta Tangerina ganha *Bologna Prize 2013*

■ ■ ■ ■

Texto: Marta Silvestre e Patrícia Sousa | Fotos: Inês Dionísio



“Era uma vez...” Assim começam tantos e tantos contos infantis. E pode muito bem ser o começo da história da editora Planeta Tangerina. Reza a lenda que tudo começou com três amigos que frequentaram o Liceu da Parede. Mais tarde, os três seguiram os seus estudos na área de Belas e Artes e quando já cada um tinha uma profissão, decidiram juntar-se para fazer uma revista para crianças.

Com conhecimento na área da comunicação para crianças, em 2004 decidiram lançar o projeto de uma editora. É assim que nasce a Planeta Tangerina. E se nos primeiros tempos o grupo montou um atelier dedicado principalmente a colmatar necessidades de clientes e do mercado, atividade que ainda hoje mantém, não tardou muito até que se iniciassem na edição própria de livros. “Sempre trabalhámos para clientes até que sentimos necessidade de fazer as nossas próprias coisas, sem depender dos clientes e das aprovações. Foi sem grandes planos estratégico-empresariais que surgiu a editora”, confessa Isabel Minhós Martins, líder do projeto.

Com uma equipa jovem de apenas sete elementos - ilustradores, designers, responsável de distribuição e área financeira -, a Planeta Tangerina consegue alimentar o atelier e colocar no mercado seis livros por ano, onde o cuidado por todas as fases do livro é absoluto. E com

um toque quase familiar. Não há medo das palavras. Assumida e orgulhosamente pequena, a editora trabalha o livro de uma forma natural e pouco comercial. “Fomos sempre muito educados para crescer, expandir empresas, ter sedes maiores, mas o facto de sermos pequenos é mais um fator que nos distingue. Aqui trabalhamos em equipa e todos acompanham o processo do livro”, afirma Isabel.

Neste negócio (como em quase todos os outros) a crise não é bem-vinda e, apesar de haver sempre livros que têm mais sucesso que outros, o trabalho para fora continua a ser o suporte da editora infantil. “A parte do atelier e a venda dos direitos é financeiramente importante

para podermos editar os nossos próprios trabalhos”, comenta Isabel.

A Planeta Tangerina reúne até ao momento 36 livros editados, muitos com prémios atribuídos, e traduzidos em mais de 6 línguas onde se destaca o inglês, espanhol, francês, coreano e polaco.

Muitos são os fatores que se conjugam para o sucesso da equipa que arrecadou, no passado mês de março, o título de melhor editora da Europa, através do BOP - Bologna Prize.

Um prémio à escala global que surgiu este ano, pela primeira vez, a propósito dos 50 anos da Feira Infantil de Bolonha, e que pretende homenagear a excelência no mundo editorial infantil, elegendo os melhores editores do ano nesta área particular, distinguindo principalmente a inovação e criatividade.

Na ocasião foram concedidos seis prémios, para cada área geográfica: Ásia, África, América Central-América do Sul, Europa, América do Norte e Oceânia.

“Fomos pela primeira vez à feira como visitantes e aos poucos começámos a fazer parte da feira como expositores, com



“Foram outras editoras que nos nomearam. Por isso este prémio é de imenso valor. Melhor que ganhar é o facto de outras editoras, que consideramos muito boas, terem votado em nós”.

editoras interessadas em nós, nomeadamente uma francesa. Este ano tivemos o nosso próprio stand, com os nossos livros, e só soubemos que tínhamos ganho o prémio na própria cerimónia. Foi espetacular!” conta Madalena Matoso, fundadora da editora. Depois do prémio, o ritmo de produção da editora manteve-se alto, com uma série de novos projetos em carteira: um livro só de ilustrações, um guia da natureza, alguns títulos novos da coleção de cantos redondos e ainda um livro intitulado “Irmão Lobo”, para adolescentes.

Isabel e Madalena, editoras e autoras, acreditam que o mercado atual deveria olhar os livros de outra maneira. “Qualquer pessoa acha que consegue fazer um livro para crianças, mas não é assim. E, na verdade, devia haver uma preocupação com isso quando se lança um livro no mercado”, comenta Isabel.

“O olhar dos adultos para os livros é fundamental. É preciso ver o mercado e perceber que há livros que abordam temas de maneira diferente. Além disso, falta o aconselhamento do livreiro na hora de comprar. Isso é extremamente importante”, finaliza Madalena.

E para terminar este primeiro conto sobre si mesmas, Madalena e Isabel não esquecem o reconhecimento dos pares no Prémio Melhor Editora Europeia de Livros Infantis. “Foram outras editoras que nos nomearam. Por isso este prémio é de imenso valor. Melhor que ganhar é o facto de outras editoras, que consideramos muito boas, terem votado em nós” realça Isabel. E assim, com um “vitória, vitória, acabou a (esta parte da) história” que se remata o primeiro capítulo da Planeta Tangerina. ■



CONTORNAR A CENSURA DURANTE O ESTADO NOVO

A arte de fintar o “lápiz azul”

■■■■

Texto: Laís Castro | Ilustrações: Inês Dionísio e Sibila Lind

Eles não deixaram de escrever. Eles não deixaram de cantar. Eles não deixaram de falar. Eles não deixaram de fazer. Uns tornearam o sistema recorrendo ao subterfúgio das metáforas, à subtileza das ironias, a um simples acentuar no tom de voz. Outros foram mais frontais e, por isso, sofreram as consequências na pele. E houve mesmo aqueles

que jogaram segundo as regras do jogo e, assim, conseguiram levar a sua avante. Mas todos têm algo em comum: são intelectuais e artistas que não se conformaram com o “lápiz azul” que, durante 48 anos, serviu de espartilho à livre circulação de ideias. No mês em que se assinalam 39 anos sobre a Revolução da Abril, o “C” esteve à conversa com José

Jorge Letria, José Manuel Tengarrinha, Carlos Avilez e Arnaldo Trindade, quatro personalidades que contornaram a censura e fizeram a diferença no mundo da música, do teatro, dos jornais e das ideias. ■

20 abril | 15h00

Tertúlia sobre este tema,
no Teatro Mirita Casimiro
[Estoril]

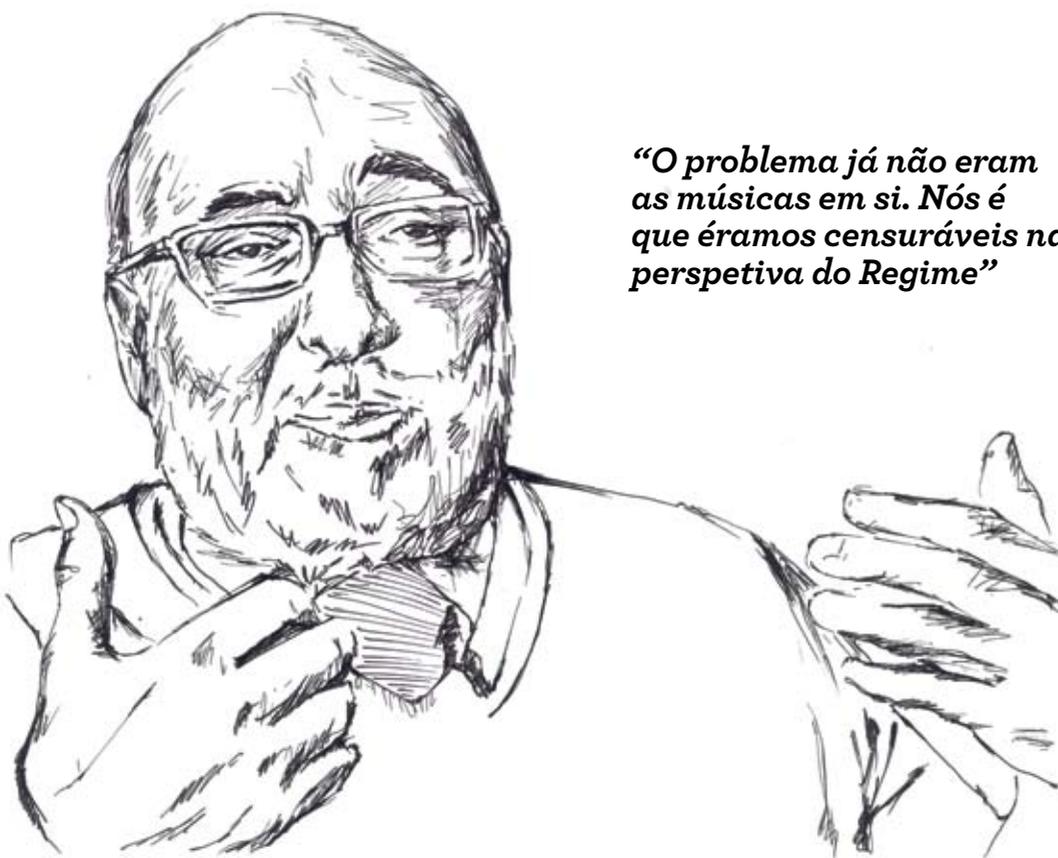


Anti-fascista, democrata, professor catedrático, historiador, jornalista, José Manuel Tengarrinha nasceu em Portimão, em 1932. Atualmente é presidente do Instituto de Cultura e Estudos Sociais de Cascais e diretor dos Cursos de Verão do município. Fica na História como um dos fundadores do MDP/CDE, que surge em 1969 e torna-se numa das mais importantes organizações políticas de oposição ao Estado Novo. Após a Revolução de Abril, foi eleito deputado à Assembleia Constituinte e à Assembleia da República nas quatro primeiras legislaturas. É autor do livro de investigação “História da Imprensa Periódica Portuguesa” e, ainda este ano, vai lançar a obra “Nova História da Imprensa Portuguesa”.

JOSÉ JORGE LETRIA

“Os relatórios da PIDE referiam-se a mim como fazendo parte de «um grupo de cantores de temática pacifista, sediciosos, conspirativos, que visavam derrubar o Regime também através da música», recorda José Jorge Letria. Cantor, compositor, jornalista, desde muito cedo Letria colocou o seu talento ao serviço das artes e ideias, afrontando, muitas vezes, o controle instaurado naquela altura. Em 1971 editou, através da Sassetti, o álbum *Até ao pescoço*, que foi apreendido um dia após o lançamento: “A PIDE fez uma rusga à sede da editora, apreenderam os discos e todo o material relacionado com a sua promoção e, pela primeira vez, apreendeu-se também a matriz de um álbum. Mesmo assim, várias cópias foram vendidas numa clandestinidade relativa. Era o chamado livro e disco debaixo do balcão, do qual a Livraria Barata, na Avenida de Roma, era um exemplo”, conta o agora presidente da Sociedade Portuguesa de Autores. Ora, se as músicas iam à censura antes de serem gravadas, o que inviabilizou a venda de *Até ao pescoço*? José Jorge Letria confirma que os temas foram examinados previamente e houve vários cortes. “Aceitei mudar duas ou três canções, mas não todas”. E justifica: “A partir de determinada altura o problema não eram as músicas em si, mas antes os seus autores. Nós é que éramos censuráveis na perspetiva do Regime. Por isso decidi gravar o que me apeteceu e a Sassetti aceitou”. Ajudou também o

facto de esta ser uma editora com boas condições financeiras e institucionais: “A Sassetti estava voltada para repertórios progressistas, mas pertencia ao Sr. Granadeiro, que era o maior produtor de cortiça da altura. E havia a ideia de que quem detinha a riqueza da cortiça, também tinha alguma influência sobre o Regime e, portanto, podia travar um pouco aquele impulso controlador”. Nem sempre José Jorge Letria foi literal na sua oposição. Algumas das suas músicas eram mais metafóricas, como o *Tango dos pequenos burgueses*, que “podia ser o guião - sarcástico - de uma telenovela” sobre as famílias dessa altura. Também assuntos mais polémicos, como a Guerra Colonial, foram abordados com recurso ao eufemismo e à subtileza: “*Grande, grande é a cidade* falava sobre uns jovens que vinham para Lisboa, não encontravam trabalho e iam para a guerra”, conta Letria. “A música dizia *Eis a terra prometida, dão-te mulher e dormida, promessa de casa maior, dás o que tens de melhor, dás o sangue, dás a vida, tens a terra prometida*”, lembra, admitindo que “estava a ser irónico”. A conversa leva-nos, então, a pensar que os artistas eram obrigados a ser mais criativos naquela altura. Para José Jorge Letria, “isso é como falar hoje da crise: nada me fará dizer bem da crise, como nada me fará dizer bem da censura. Mas as condições adversas às vezes conduzem-nos a caminhos onde somos postos à prova e descobrimos potencialidades que não imaginávamos ter”. ■



“O problema já não eram as músicas em si. Nós é que éramos censuráveis na perspetiva do Regime”

José Jorge Letria nasceu em Cascais, em 1951. Músico, jornalista, poeta, dramaturgo, encontrou também tempo para assumir o pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Cascais entre 1994 e 2002. Para além das músicas de intervenção, nos anos 60-70 deixou também a sua marca em diversos jornais e suplementos, como o “Diário de Lisboa”, “República”, “Musicalíssimo”, “Diário de Notícias” e “Jornal de Letras”. Foi um dos poucos civis que ficou a saber do levantamento militar antes do 25 de Abril. É atualmente presidente da Sociedade Portuguesa de Autores.

JOSÉ MANUEL TENGARRINHA

“Escrevíamos «como dizia o grande filósofo Carlos Marques» e estávamos a referir-nos a Karl Marx. Eles deixavam passar”

“Confesso que já estava um pouco farto de obedecer aos esquemas da censura. Então publiquei na primeira página do jornal República os textos integrais que Palma Inácio distribuiu por Lisboa quando desviou um avião da TAP, fazendo-o sobrevoar sobre a cidade e espalhando panfletos com mensagens contra o Regime. Evidentemente fui chamado à PIDE e, dias depois, fui preso e barbaramente torturado”. Este foi o episódio mais grave que José Manuel Tengarrinha viveu por causa da censura. Jornalista, historiador e professor, aos 82 anos relembra imensas histórias que viveu ou conheceu durante o Estado Novo, onde nem sempre foi possível dar a volta ao sistema. A título de exemplo evoca o caso do romance *A lã e a neve*, de Ferreira de Castro, que foi obrigado a retirar do livro um

capítulo dedicado às greves dos operários têxteis da Covilhã: “Eu li o capítulo e era memorável. Ferreira de Castro acabou por contar-me, mais tarde, que o pior censor não era o que estava lá fora, era o que estava dentro de nós. Porque tínhamos a consciência do que podia ser cortado, e autorreprimámo-nos para não escrever coisas que pudessem colidir com a censura”.

É por essas e por outras que Tengarrinha esboça um sorriso quando relembra subterfúgios usados para rodear o “lápiz azul”: “Por exemplo, escrevíamos «como dizia o grande filósofo Carlos Marques», e eles deixavam passar. Ora, Carlos Marques era Karl Marx. Ou referíamos o filósofo Vladimir Ilyich, que eram os primeiros nomes de Lenine”. Aproveitávamo-nos da ignorância dos censores para dizer coisas que, de outra maneira, não eram possíveis”. Questionado sobre se a produção cultural é, também, uma forma de fazer política, José Manuel Tengarrinha considera que “a cultura é, por princípio, uma forma livre de pensar, ou pelo menos incentiva a tal. Portanto, mesmo quando não havia uma intenção explícita de fazer política, era sempre um ato pela liberdade”. ■

“Dizíamos as coisas muito baixinho no ensaio geral para os censores não ouvirem, e na estreia já dizíamos à vontade”



CARLOS AVILEZ

“O texto da peça *A noite dos assassinos* foi enviado para a censura prévia, passou, e depois a peça acabou por ser proibida no ensaio geral, porque dizíamos coisas que não era suposto”. Esta é uma de inúmeras histórias que Carlos Avilez recorda sobre a forma como os atores torneavam a censura durante o Antigo Regime. O fundador do Teatro Experimental de Cascais - TEC - tem ainda na memória a forma como as peças eram controladas: “Antes de estrear, havia um ensaio geral para a censura. Então dizíamos as coisas muito baixinho, os censores não ouviam, e depois na estreia já dizíamos à vontade. Ou então dizíamos em jeito de brincadeira no ensaio, e na estreia expressávamos em tom sério”. Mas, às vezes, o tiro saía pela culatra: “Podia acontecer de os censores estarem na plateia. Aí, éramos avisados e voltávamos à versão apresentada à censura”. Tudo era alvo de análise por parte

dos inspetores: os figurinos, os cenários, as cenas. Avilez conta que, uma vez, questionaram-lhe por que razão havia uns painéis de relógios pintados de vermelho. Para além disso, a maior parte das peças do TEC só podia ser apresentada em Cascais, no Teatro Gil Vicente: “Não podíamos levar as nossas peças a Lisboa, por exemplo”. E havia sempre um controle apertado. Avilez recorda que, após o 25 de Abril, descobriu um funcionário do teatro que era inspetor da PIDE, “e nós não sabíamos de nada antes”. Mesmo assim, o Teatro Experimental de Cascais conseguiu ser pioneiro em vários aspetos: “Numa das nossas peças, pela primeira vez em palco as mulheres arrancaram as camisas e ficaram com os seios de fora”, recorda Carlos Avilez, entre risos. Como foi possível? “No ensaio de censura, elas tiraram as camisas e ficaram de costas. Já na estreia da peça ficaram de frente, apesar

Nasceu em 1937 e, 19 anos mais tarde, estreou-se na Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Sob a orientação desta dama do teatro, Avilez levou ao palco, em 1963, a peça *A Castro*, de António Ferreira, atuação que lhe valeu grande reconhecimento público. Em 1965 funda o Teatro Experimental de Cascais (TEC), companhia que traz um novo estilo para os palcos nacionais e da qual é diretor ainda hoje. Em 1993 fundou a Escola Profissional de Teatro de Cascais. Foi ainda diretor do Teatro Nacional D. Maria II, do Teatro Nacional de S. João e Presidente do Instituto de Artes Cénicas.

de ser considerado escandaloso. Mas eles tinham que fingir que havia uma certa liberdade, e nós usávamo-nos disso. Até porque havia algum medo de que o TEC acabasse. Seria demasiado evidente”, remata Avilez. ■

“Nós enviámos uns 50 poemas para os censores. Uns foram cortados, outros passaram. Entre esses estava a *Grândola*, uma música cheia de subentendidos”



ARNALDO TRINDADE

“O nosso grande segredo foi jogar o jogo deles: queriam que apresentássemos as letras das músicas antes de serem gravadas, e nós apresentávamos”. É assim que Arnaldo Trindade explica como a Orfeu conseguiu editar, sem problemas, músicas de intervenção e artistas que marcaram o panorama da altura. José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Francisco Fanhais, António Portugal, Sérgio Godinho e Luís Cília foram alguns nomes cujos álbuns tiveram o carimbo desta discográfica. Para conseguir passar pelo “lápiz azul”, estes artistas criavam letras “com uma grande riqueza poética, uma linguagem para pessoas inteligentes. E quem censurava não era assim tão esperto”, conta Arnaldo, recordando o caso de *Grândola*

Vila Morena: “Nós enviámos uns 40 ou 50 poemas para os censores analisarem. Uns foram cortados, outros passaram. Entre esses estava a *Grândola*, que é uma música cheia de subentendidos. Ou seja, na área da poesia, não se pode dizer que houvesse um grande conhecimento por parte dos censores”. Arnaldo Trindade conta também que a Orfeu não estava conotada com nenhuma tendência política, o que lhe dava credibilidade perante o Regime: “Éramos comerciantes bem vistos na praça, sem cores políticas, que estavam interessados na qualidade da música, da poética, da produção. Gravávamos o que era bom, fosse de direita ou de esquerda”. E confessa que também ajudou o facto de a discográfica não

depender exclusivamente das vendas desses autores. Primeiro, porque tinha o apoio financeiro de uma grande empresa de eletrodomésticos, que pertencia à família Trindade. E depois porque a Orfeu editava outros artistas e grupos de grande sucesso popular, como o grupo de folclore António Mafra ou a fadista Maria da Fé. Tal como nos dias em que a liberdade era amordaçada, Arnaldo Trindade continua a acreditar que “a música de intervenção faz sentido”, porque os seus autores conseguem chamar a atenção para situações que “às vezes não são muito claras à nossa volta”. Sobre a censura, acaba por admitir - ele próprio com laivos poéticos: “Muitas vezes a dificuldade aguça o engenho”. ■

Nascido em 1934, no Porto, Arnaldo Trindade fundou a Orfeu nos anos 50. Começou por gravar poesia, com Miguel Torga, mas rapidamente passou para a música, primeiro popular e, mais tarde, de tema. Arnaldo preocupava-se, sobretudo, em gravar aquilo que era “bonito e de qualidade”. Na madrugada de 25 de Abril de 1974, as duas senhas usadas na rádio pelo Movimento das Forças Armadas para dar o sinal da Revolução - *E depois do Adeus*, de Paulo de Carvalho, e *Grândola Vila Morena*, de Zeca Afonso - tinham a assinatura da Orfeu.

DESTAQUE

O MELHOR DA CASA DAS HISTÓRIAS AINDA ESTÁ PARA VIR

Paula Rego e Carlos Carreiras assinam protocolo em Londres



Há uma nova vida para o Museu Casa das Histórias Paula Rego (CHPR). Um ciclo que começa, precisamente, no mesmo local que viu nascer Paula Rego para o mundo das artes: Londres. Foi na capital britânica que, durante a tarde da passada terça-feira, 16 de abril, a artista e Carlos Carreiras, presidente da Câmara Municipal de Cascais, assinaram um acordo de Aditamento ao Contrato de Doação e Comodato que estabelece as orientações para aquilo que será a realidade da CHPR dos próximos anos. O melhor da Casa das Histórias ainda está para vir é, portanto, o que se pode concluir da assinatura do protocolo no estúdio da artista, num clima marcado pela extrema cordialidade e consenso entre partes. Recorde-se que o governo de Portugal decidiu, em resultado do censo às fundações, declarar a inviabilidade financeira da Fundação Paula Rego pelo que perante esta medida a artista declarou “não pretender manter-se ligada a uma fundação de natureza exclusivamente pública,

nem tem intenção de criar uma fundação privada para as mesmas finalidades.” Descartada a hipótese de manutenção ou criação de uma fundação, Nick Willing, em representação da família de Paula Rego, e Carlos Carreiras, encetaram uma profícua e distendida troca de ideias que resultou no acordo assinado esta semana. Nele estão consubstanciados os princípios segundo os quais se vai reger a vida da Casa das Histórias Paula Rego. Além terem ficado definidos os termos do relacionamento futuro do Município com a artista e família, o acordo tem também resultados práticos que vão ao encontro da visão que o município tem para a política Cultural e, por certo, também ao encontro dos interesses dos admiradores da artista portuguesa mais reconhecida no mundo. Para começar, e em termos de programação, o protocolo prevê desde já a realização de uma exposição, proposta pela própria família da artista, a inaugurar em 17 de Maio, véspera do Dia

Internacional dos Museus, integrando as obras de Paula Rego dedicadas a óperas em depósito na Casa das Histórias e outras oriundas de uma coleção privada. Carlos Carreiras aproveitou a oportunidade para convidar a artista a estar presente na inauguração na exposição, tendo Paula Rego aceiteado desde logo. “Fechamos hoje [16 de abril] um protocolo que aponta para o aprofundamento claro das relações entre Paula Rego, a sua família, e a Câmara Municipal de Cascais. Contudo, o protocolo mostra-nos também que estamos perfeitamente de acordo, não apenas quanto ao presente, mas também quanto ao caminho de futuro para a Casa das Histórias. Esse é um caminho com melhor gestão, é um caminho de maior rigor, é um caminho com mais projeção nacional e internacional”, salientou o presidente da Câmara Municipal de Cascais, Carlos Carreiras. “Em Portugal, há sempre quem prefira a vitória da cisão, da discórdia, da fação e

do desespero. Infelizmente, para esses, este acordo é um triunfo da unidade e da esperança numa cultura melhor para Cascais e para o País”, prosseguiu Carlos Carreiras.

Carlos Carreiras aproveitou ainda a deslocação a Londres para visitar a Marlborough Gallery, galeria de arte de Paula Rego e uma das mais importantes do mundo, onde foi recebido pelo seu diretor John Erle-Drax. Com Erle-Drax, Carlos Carreiras discutiu a possibilidade de realização de exposições de outros artistas representados pela Marlborough Gallery nos espaços museológicos sob tutela da Câmara Municipal de Cascais. Foram, igualmente, dados passos para que o bom relacionamento entre as duas instituições se mantenha no futuro, tendo Erle-Drax afirmado estar “inteiramente disponível para continuar e aprofundar a colaboração na medida em que o presidente o entender.”

O ACORDO EXPLICADO EM 5 PONTOS:

1. Todas as obras de Paula Rego ao abrigo do regime de doação e comodato ficam na Casa das Histórias, em Cascais. Ao todo, falamos de 574 obras no espólio de doação (gravuras e desenhos com várias técnicas) e a totalidade do espólio do comodato, 70 obras (15 pinturas de Victor Willing, 28 Pinturas de Paula Rego e 27 desenhos da artista).

2. A política de empréstimos mantém-se: qualquer obra da pintora pode ser exposta na Casa das Histórias.

3. A família da pintora, através de Nick Willing, manifestou e materializou o desejo de ter um papel mais efetivo na programação da Casa das Histórias. A exposição com as óperas, a inaugurar em breve, é já fruto dessa vontade.

4. O acordo de aditamento, ao contrário do contrato que vigorava até aqui, acrescenta uma cláusula que estabelece a necessidade da Casa das Histórias exibir uma exposição permanente de Paula Rego.

5. Caberá a uma Comissão Paritária, a ser indicada no prazo de oito dias, “preparar, facilitar e aplicar as decisões das partes”.





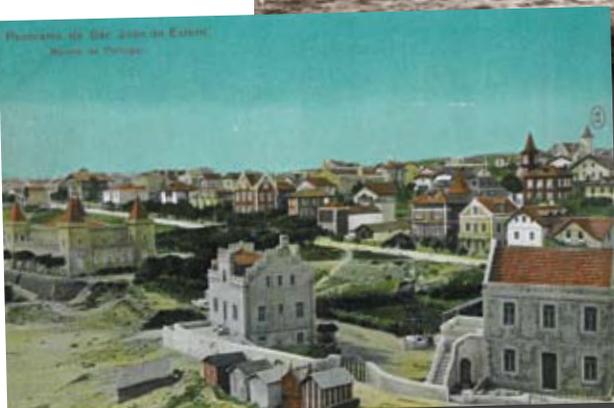
CASCAIS: A BELA SENHORA DE 650 ANOS

Oito de abril deu o pontapé de partida para as jornadas de reflexão que vão preparar as comemorações dos 650 anos da vila de Cascais.

BOLETIM INDIVIDUAL
Para os efeitos do art. 1.º do Decreto N.º 16.386 de 18 de Janeiro de 1920
(Apresentado pelo Decreto lei N.º 86.201)

Nome completo Nom et prénom	Henri de Saint-Exupéry	
Nacionalidade Nationalité	Francesa	
Nascimento Naissance	local lieu	Lyon
	Data date	29 Junho de 1900
Profissão Profession	Escritor	
Domicílio habitual Domicile habituel	52 rue Victor Hugo, Paris	
Documento de viagem Document de voyage	Passaporte Passport	París nº 556
	Expedido em Delivré à	Charenton-le-Pont
	Data Date	10 de 1940
Auto.	N.º	
Outros dados Autres renseignements	27/11/1940 Assinatura - Signature	

Recbi a declaração de alojamento do estrangeiro:
28.10.40
Pl. 23. - Este formulário deve ser devolvido à Repartição que o passou, quando o estrangeiro deixar essa alameda, com a data da saída.



Vamos ao início da história. Portugal, 7 de junho de 1364. Nesse dia, e depois de muita insistência na corte dos homens bons de “Cascaes”, que apelavam à separação de Sintra, el rei D. Pedro I decidiu elevar “Cascaes” à categoria de Vila separando-a da vizinha com quem partilhava a serra. Tal significava a atribuição, à recém-criada vila, de uma jurisdição cível e crime, em troca de um imposto de 200 libras por ano. Para além dos direitos devidos ao monarca, claro está. Contudo, o documento do Rei D. Pedro não atribuía um “termo” a Cascais, isto é, um “território”. Foi somente a 8 de abril de 1370 que D. Fernando I, sucessor de D. Pedro, que o assunto ficou resolvido, atribuindo um território ao povoado de Cascais. Território esse, aliás, muito semelhante às fronteiras que hoje conhecemos. Dando um salto cronológico até aos dias de hoje, Cascais está a pouco mais de um ano de celebrar os seus 650 anos como comunidade autónoma (8 de junho de 2014) mas acabou de assinalar, no dia 8 de abril, os 643 anos de unidade territorial. Para evocar a data, e marcar o arranque daquelas que serão as cerimónias comemorativas dos 650 anos de Cascais, a Câmara Municipal organizou um debate sobre história, cultura e identidade. A abertura da sessão coube a Carlos Carreiras, presidente do município que assegurou que as comemorações desta “data muito especial para a comunidade” vão estender-se do dia 7 de junho de 2013 ao dia 9 de junho de 2014. “Ao longo de quase 650 anos, assistimos a muita coisa, muita

água passou por baixo da ponte. E Cascais aqui esteve sempre para contar a sua história. Uma história que é a da sua cultura, a da sua identidade e, sobretudo, a das suas gentes”, considerou Carlos Carreiras. “Identidade” foi precisamente a palavra-chave do discurso do orador que se seguiu. José d’Encarnação, professor catedrático, aplaudiu a iniciativa que, no seu entender, “cimenta a consciencialização da identidade”. A propósito dos 650 anos, o professor admitiu a necessidade de “termos as nossas raízes, de ser enraizados” e para isso “precisamos de ter memória coletiva”. Correndo alguns episódios de Cascais, José d’Encarnação lembrou aquele que é um dos fenómenos mais interessantes da nossa história de mais de seis séculos: a aculturação, a “grande simbiose entre os que vieram e os que cá estavam”. “Primeiro vieram os romanos, e a deusa que veneravam em Freiria não era romana, era local. Muito depois vieram os beirões, os algarvios, os alentejanos, e hoje em São Domingos de Rana é difícil perceber quem é saloio e quem não é.” Já Margarida Magalhães Ramalho, historiadora, olhou para a construção de Cascais através do seu mar, elemento definidor daquilo que somos hoje. “Cascais era o último ponto do estuário do Tejo quando os nossos navegadores partiam para as suas epopeias e o primeiro que viam quando chegavam. Era um ponto de grande valor estratégico. Em tempos um tal de João Bretão, a partir daqui, saqueava os barcos carregados de mercadorias em direção ao sul da

Europa. É aí que o Rei D. João II manda erguer a Torre de Cascais, que mais tarde viria a ser envolvida pela Fortaleza da Nossa Senhora da Luz e depois pela Fortaleza, mas que é a primeira fortificação de Cascais.” De acordo com a historiadora, toda a evolução de Cascais viria a ser marcada pelas funções de defesa e segurança do Tejo. Até à chegada de D. Luís I, que elege a vila para a residência de veraneio da realeza. A terminar a sessão evocativa dos 643 anos da atribuição do termo a Cascais, tomou a palavra João Miguel Henriques, diretor do Arquivo Histórico Municipal, que percorreu a vida de Cascais em extraordinárias imagens (disponíveis para consulta do público), sublinhando as evoluções dos povoados que alteraram radicalmente o perfil de Cascais: de uma terra predominantemente saloia à rívia portuguesa. “Em 1821, Cascais constituiu sobretudo um conjunto de grandes aldeias, como Manique, Tires ou Alcábidche. Localidades como São João ou São Pedro não existiam e até o Estoril tinha pouca relevância. Esta situação viria a mudar de forma radical depois da regeneração de duas vias fundamentais – a estrada Cascais-Oeiras e Cascais-Sintra – e principalmente após a chegada do comboio, em 1889, que o projeto turístico de Fausto Figueiredo, lançado em 1914, acelerou, impondo a região como destino internacional.” Resumindo, e como assinalou Carlos Carreiras, Cascais é o somatório de muitas histórias e de muitas diferenças. “Temos uma identidade forte, marcada pela unidade na diversidade”. ■



- De cima para baixo:
- . Boletim de alojamento de Saint-Exupéry, no Hotel Palácio, em 1940
 - . D. Carlos nadando junto à Praia da Ribeira, em Cascais, c. 1900
 - . S. João do Estoril, c. 1910. À esquerda destaca-se o edifício dos Banhos da Poça
 - . Representação da Costa de Cascais, entre a vila e o Estoril. Ainda que editada em 1572, a gravura deve remontar a 1530.
 - . Quinta Nova de Santo António, em Carcavelos, c. 1910, onde se instalou a companhia que trouxe o cabo submarino até Portugal
 - . Sanatório de Sant’ Ana, na Paredes, c. 1915
 - . Grande Hotel de Itália, no Monte Estoril, c. 1910

ENTREVISTA

MARIANA VAN ZELLER.



Mariana van Zeller é correspondente da National Geographic Channel, distinguida com os prémios de jornalismo People's Voice Webby Award (2009); Peabody Award (2010); Livingston Award for Young Journalists. Fala fluentemente cinco idiomas: português, espanhol, inglês, francês e italiano.

Nasceu em Cascais em 1976. Estudou Relações Internacionais e trabalhou como estagiária na SIC. Chegou a ter um programa de viagens na SIC Notícias, mas percebeu de imediato, que o que a fascinava mesmo como jornalista não era dar a conhecer destinos exóticos, mas a possibilidade de contar histórias e eventos que tivessem um impacto sério na vida das pessoas. Conheça a história desta cascalense de sucesso que já foi nomeada para um EMMY e cujos documentários chegam às grandes cadeias noticiosas como a CNN, a PBS, a CBS ou o Channel 4. Mariana van Zeller é uma das convidadas das Conferências do Estoril.

“SINTO-ME UMA EMBAIXADORA DO MEU PAÍS”



Entrevista: Isabel Alexandra Martins e Gonçalo Venâncio | Fotos: DR

Olá Mariana, obrigada pela sua disponibilidade em ter esta conversa com o “C”, não foi fácil com a diferença horária que nos separa. Queríamos falar um pouco de Cascais e da sua vida. Vamos a isso?

Obrigada pelo vosso contacto. Nasci e cresci em Cascais. Sou 100 por cento cascalense! Vamos a isso!

Conte-nos como é que foi a sua história aqui em Cascais...

É fácil... até aos 14 anos estudei numa escola inglesa, no St. Dominic's School, e a partir do 9º ano passei a frequentar o ensino público, na Escola Secundária de Cascais, junto à antiga praça de Touros. Aí continuei até entrar para o Curso de Relações Internacionais da Universidade Lusíada. Até aos 16 anos, nas minhas saídas à noite com os amigos, ficava sempre por Cascais. Costumava frequentar um bar no centro da Vila, e ia com os amigos para as discotecas da moda: o 'Van Gogo' e o 'News'. E quando chegava o verão não perdia um fim de semana na praia do Guincho. Foi no Guincho, aliás, que aprendi a conduzir.

No Guincho? Na praia?

É verdade. Nessa altura ainda era permitido passear de jipe pelas dunas. Ahh... e como na minha profissão conheço pessoas de todas as partes do mundo, nunca perco uma oportunidade para lhes dizer que o Guincho é a praia mais bonita do mundo.

Depois de acabar o curso foi para a SIC, onde iniciou a sua carreira de jornalista. Como é que foi essa experiência?

Comecei como estagiária no Jornal da Noite. Mais tarde, quando surgiu a SIC Notícias, fui convidada para fazer um programa de viagens. E sabe qual foi a primeira viagem?

Não fazemos ideia Mariana...

Maldivas! Claro que aceitei logo porque viajar foi, desde sempre, um dos meus sonhos. Mas enquanto fazia jornalismo de viagens, aprendi-me que o que me fascinava

mesmo como jornalista não era dar a conhecer destinos exóticos ou praias paradisíacas. O que verdadeiramente me fascinou foi a possibilidade de contar histórias e eventos que tivessem um impacto sério na vida das pessoas.

Já voltaremos à sua carreira de jornalista. Mas, antes disso, explique-nos porque é que decidiu continuar a estudar nos Estados Unidos.

Assim que descobri a minha vocação jornalística, meti na cabeça que queria apostar ainda mais na minha formação. Pensei logo em candidatar-me ao curso de jornalismo da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, uma das melhores nesta área.

E esse passo foi tudo menos fácil. Verdade?

Tentei duas candidaturas à Universidade de Columbia e falhei duas vezes. As minhas candidaturas não foram aceites porque havia uma longa lista de candidatos. Mas não desisti. À terceira vez, arrisquei ainda mais: resolvi meter-me no avião e fui falar diretamente com o diretor da Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia. A conversa, que eu não esperava que demorasse mais do que meia dúzia de minutos, acabou por durar mais de uma hora. Expliquei-lhe que era a terceira vez que me estava a candidatar e que o meu maior sonho era estudar jornalismo naquela escola.

Lembro-me bem que também lhe disse que tinha a certeza que um dia teriam orgulho no meu trabalho. Eu estava decidida. Depois dessa entrevista, o reitor da universidade resolveu aceitar a minha candidatura.

A partir desse momento, a carreira dos meus sonhos começou a desenhar-se. Começaram a abrir-se horizontes que eu nunca tinha imaginado.

Por exemplo, o que faço atualmente – documentários – é um tipo de jornalismo que praticamente desconhecia quando entrei em Columbia.

Jornalisticamente falando, qual é o tipo de trabalhos que a Mariana gosta de fazer?

Reportagens sobre casos que a maioria das pessoas não lhes passa sequer pela cabeça que possam existir mas que mexem muito com a vida de todos nós. Assuntos que se escondem dos olhares do mundo porque o acesso aos meios e pessoas envolvidas são improváveis. Faço também muitas reportagens “under cover”* (infiltrada). Estas são histórias que me levam a sítios onde eu não iria de outra forma, a ver coisas que de outra forma não via e a falar com pessoas que de outra forma não falaria.

A Mariana estava há um mês nos Estados Unidos quando se deu o 11 de Setembro. Como viveu este acontecimento? Acabou por ser a primeira prova de fogo para o lançamento da sua carreira...

Para ser sincera, até ao 11/9 sempre pensei que estava mais vocacionada para fazer notícias no formato tipo “Jornal da Noite”. Isso mudou nesse dia. Estava em Manhattan quando as Torres Gémeas caíram. Lembro que o espaço aéreo americano tinha sido fechado e que o acesso ao ground zero [zona de impacto] também tinha sido vedado. Isso fez com que durante dois ou três dias e entre jornalistas de todo o mundo, eu tivesse sido a única jornalista portuguesa de televisão em Manhattan. A SIC, sabendo disso, pediu-me logo no dia 11 para fazer um direto sobre o que se estava a passar. Bom... eu tinha 25 anos e nunca tinha feito sequer um “vivo” na vida. Era uma mera estagiária em início de carreira, com pouca experiência. E, de repente, vejo-me em Nova Iorque a relatar para a televisão portuguesa e para o país um dos eventos mais importantes e mais dramáticos da história recente. Um dos momentos em que o mundo viveu em direto horas de muita angústia

Mas fez o direto...

Fiz o direto. Quando percebi que tinha conseguido e que tinha corrido bem, o meu primeiro instinto foi

■ ENTREVISTA

de uma grande felicidade por ter vencido um desafio que pensava não estar ao meu alcance. Mas logo a seguir, quando saí do centro de imprensa e comecei a ver pessoas em desespero absoluto a pedir ajuda, a deambular pelas ruas, a trocar números de telemóvel; pessoas com fotografias à procura dos desaparecidos, dos filhos, dos pais... de mães, de amigos, senti uma tristeza profunda. Ainda hoje, ao recordar essas imagens e esses momentos dramáticos, não consigo conter as lágrimas. Foi nesse instante que tive a certeza que, na minha carreira como jornalista, não podia e não queria relatar apenas factos. Tinha que ir mais longe e mais fundo para perceber porque é que situações como aquelas acontecem.

■ **Foi por isso que depois de terminar o curso de jornalismo decidi ir viver por conta própria para a Síria. Uma aventura...**

Passado um ano, e quando já estava a acontecer a Guerra no Iraque, fui para a Síria, como jornalista independente. Totalmente por minha conta. Parti em busca de histórias sobre os grupos armados sírios que, junto à fronteira com o Iraque, alimentavam a jihad contra as forças militares internacionais.

■ **Mas porquê a Síria?**

Porque era o país próximo do Iraque e onde não colocaria a minha vida em risco. Tinha 26 anos, pouca experiência como jornalista, não conhecia a língua, nem nunca tinha vivido no meio do oriente. Aventurei-me. É óbvio que não entrei na Síria como jornalista porque isso não é possível a não ser com uma permissão especial. Oficialmente, entrei na Síria como estudante que estava no país para aprender árabe.

■ **Os seus propósitos, porém, eram muito diferentes...**

Claro. Ninguém - exceto o meu

“Todos os dias! [risos] Quando abro o jornal ou ligo a televisão vejo coisas que gostaria de ter contado. Pergunto-me sempre: “Mariana, como é que foi possível, isto estava mesmo debaixo do teu nariz?”. Ainda assim, há sempre um ângulo da história que ainda não foi explorado ou alguma maneira de aprofundar mais o assunto de forma a obter resposta às questões que ainda não foram feitas”

namorado, hoje meu marido, Darren Foster, um americano que conheci na Universidade de Columbia - conhecia o meu verdadeiro objetivo. Vivi durante oito meses uma vida secreta a tentar procurar histórias. Na altura, o mundo ainda não conhecia bem a atividade destas milícias. Um dia o Darren foi visitar-me à Síria e convenci-o a fazer uma reportagem sobre estas milícias. A reportagem acabou por ser transmitida no Channel 4, no Reino Unido, e o sucesso levou outros jornalistas a investigar estes militantes não iraquianos que lutavam contra a invasão das forças americanas. A partir dali deixaram de ser anónimos, passaram a ter nome. Foi a primeira vez que fui paga por fazer uma reportagem. E foi um grande orgulho para mim e para o meu marido.

■ **É mais fácil trabalhar como ‘infiltrada’ ou assumidamente como jornalista?**

É muito mais fácil trabalhar como jornalista a descoberto. Como repórter da National Geographic, lugar que hoje ocupo, estou na classe dos “issue under cover”, isto é jornalismo de investigação direcionado para questões como tráfico de droga, tráfico sexual, entre outros. Porém, nas minhas reportagens e entrevistas prefiro muito mais ser eu mesma. O problema é que para investigar determinados assuntos só conseguimos lá chegar assumindo um disfarce. Nestas situações temos de estar dispostos a fingir que somos alguém que, na realidade, não tem rigorosamente nada a ver connosco. Ainda há pouco tempo, numa investigação sobre grupos que exploram ilegalmente as mulheres em Las Vegas, tive que “vestir” o papel de uma mulher brasileira disposta a entrar naquele mundo.

■ **Ser mulher ajuda no seu trabalho como jornalista?**

Ser mulher é uma vantagem.

■ **Porquê?**

Porque normalmente as mulheres não são vistas como uma ameaça. Como jornalista, sou muito curiosa, mas nunca faço abordagens agressivas, mesmo que não concorde a 100 por cento com o que se está a passar. Esta característica permite-me, de certa forma, desarmar o meu interlocutor.

■ **Uganda, Síria, Nigéria. Olhando para os carimbos dos países no seu passaporte, podemos dizer que a adrenalina é aliciante para si?**

Não é de todo a adrenalina que me faz trabalhar em cenários como estes, mas é a motivação que sinto em contar histórias que estão subvalorizadas, a que ninguém no jornalismo deu atenção. São histórias desconhecidas da maioria das pessoas mas que ao serem

“Foi nesse instante que tive a certeza que, na minha carreira como jornalista, não podia e não queria relatar apenas factos. Tinha que ir mais longe e mais fundo para perceber porque é que situações como aquelas acontecem”

denunciadas e expostas sob o ponto de vista da investigação jornalística podem fazer a diferença no mundo. Sinto o meu trabalho como uma missão. Se queremos dar algo de nós aos outros temos que levantar o véu que esconde a verdade dos factos. Para fazer isso temos de sair da nossa zona de conforto, temos de pôr as “botas no chão”, ir para o terreno, mostrar ao mundo em que condições vivem e sobrevivem pessoas como nós.

■ **Apesar desta pergunta parecer paradoxal, porque vivemos na era das tecnologias, acha que o mundo deixou de fazer as perguntas certas?**

Acho que hoje, nós jornalistas, tendemos a subestimar o nosso trabalho. Achamos que as pessoas não estão muito interessadas em assuntos importantes. Mas é errado pensar assim porque existe de facto mercado para documentários. Vivemos numa altura em que proliferam os reality shows, o que nos leva a pensar que os jovens preferem este género de programas. Isso não é verdade. Tive um programa de documentários na Current TV, e ainda hoje recebo mensagem de jovens que vivem nos Estados Unidos que falam no impacto que essas reportagens tiveram na sua vida. Gosto que as pessoas que vêem os meus documentários se questionem sobre o mundo em que vivemos. É assim que entendo o meu trabalho como jornalista.

■ **Nas suas reportagens por todo o mundo depara-se com situações dramáticas que a devem pôr à prova como profissional e como pessoa. Como é que gere essa distância que a profissão exige?**

Sou, por natureza, uma pessoa bastante emocional. Ainda mais desde que fui mãe há dois anos e meio e por isso sinto agora mais dificuldade em fazer reportagens sobre mães e crianças em situações complicadas. Mas por outro lado também é verdade que a maternidade trouxe ainda mais força às minhas reportagens. Quando estou a trabalhar tento manter a distância possível. Penso sempre: “não sou eu e os meus sentimentos que contam neste momento”. Mas também não sou o tipo de pessoa que acha que um jornalista consegue ser 100 por cento objetivo. Quando trabalho em “certos cenários”, e chego a casa, nem sempre consigo desligar



de imediato do trabalho. Talvez seja esta mais uma razão porque penso que ser jornalista é a minha missão.

■ **Há alguma reportagem que queira muito fazer?**

Há muita... Adorava fazer uma grande reportagem sobre a Europa, especialmente sobre a situação portuguesa. Aqui nos Estados Unidos há uma grande curiosidade sobre a Europa, mas muito pouco conhecimento sobre o que significa ser cidadão europeu ou o que une os países da Europa, ou qual o impacto das políticas que estão a ser agora implementadas. Quando estou com os meus amigos sinto-me uma embaixadora do meu país. Percebo que os deixo curiosos mas também percebo que conhecem muito pouco de Portugal... embora quase todos falem do Cristiano Ronaldo [risos]. Quando estou com os meus amigos tento convencer toda a gente que o meu país é o melhor do mundo.

■ **Arrepende-se de não ter contado algumas histórias?**

Todos os dias! [risos] Quando abro o jornal ou ligo a televisão vejo coisas que gostaria de ter contado. Pergunto-me sempre: “Mariana, como é que foi possível, isto estava mesmo debaixo do teu nariz?”. Ainda assim, há sempre um ângulo da história que ainda não foi explorado ou alguma maneira de aprofundar mais o assunto de forma a obter resposta às questões que ainda não foram feitas.

■ **Os jovens são hoje a faixa etária da população que em Portugal está a ser mais afetada pelo desemprego. Que conselho daria a um jovem que acaba de sair da universidade?**

Diria que deve seguir sempre os sonhos - mesmo que à primeira tentativa não resulte. Há sempre uma forma de lá chegar. No meu caso foi sempre essa a atitude que adotei, juntamente com muito trabalho e algumas oportunidades que vieram ao meu encontro e me colocaram no caminho certo para alcançar os meus objetivos. Mesmo se à terceira tentativa não tivesse conseguido entrar para Columbia, tenho a certeza que nunca ia desistir deste meu sonho. Quando estive na SIC Notícias a maioria das pessoas achava que eu já tinha uma ótima situação. E, de facto, já trabalhava como jornalista, tinha oportunidade de viajar, uma família que adorava. Podia-me ter resignado, mas o sonho de fazer o curso de jornalismo em Columbia e dar início a uma carreira

internacional gritava dentro de mim. Não o podia ignorar. E, assim, contra todos os argumentos que apontavam a minha sorte da altura, comecei a pensar que só se vive uma vez e por isso decidi arriscar.

■ **A Mariana vai estar em Portugal como uma das oradoras convidadas da edição de 2013 das Conferências do Estoril.**

É uma das mais jovens personalidades a integrar um elenco de estrelas como Gorbachev ou Frederik De Klerk. Por tudo o que já viu e viveu em diversos países do globo, que mensagem gostaria de deixar aos líderes mundiais?

O que tenho a dizer serve tanto para jornalistas como para políticos: “put boots on the ground” [vão para o terreno]. Formar opiniões ou tomar decisões quando apenas conhecemos a realidade a partir da secretária onde nos sentamos todos os dias não tem nada a ver com a realidade das pessoas. Quando os políticos tomam decisões devem ter consciência dessas diferenças para que não cometam erros que possam ter consequências desastrosas na vida de milhões de pessoas.

■ **E Cascais? Qual era a reportagem que gostaria de fazer sobre Cascais?**

Gostaria muito de um dia fazer um documentário histórico sobre Cascais. O meu pai conhece Cascais como ninguém e quando começa a contar histórias da sua infância em Cascais sinto uma vontade irresistível de mostrar ao mundo a minha terra, as suas gentes, as famílias europeias, algumas da realeza. Gente que escolheu Cascais para viver em períodos da história nos quais teria arriscado a sua vida se tivesse permanecido no seu país. E ainda gostava de dizer mais uma coisa: já viajei pelo mundo inteiro mas continuo a achar que Cascais é o melhor sítio do mundo. Espero um dia voltar para a minha terra. ■

REPORTAGENS PARA VER NO YOUTUBE:

Sex for sale American escort; Missionaries of hate; Immigrants Searching for a better life; Rebels in the pipeline; The Oxycontin express; Os luxos dos narcotraficantes.

■ AMBIENTE

NATUREZA E CULTURA FUNDEM-SE NA LANDART CASCAIS

Instalações, jazz, lomografias e desenho na Quinta do Pisão, de 20 de abril a 7 de julho



Texto e imagem: Laís Castro



A Quinta do Pisão volta a ser palco da exposição LandArt Cascais, que inaugura já no próximo sábado, 20 de abril, às 11h00. Até 7 de julho, este espaço ao ar livre recebe um autêntico festival de artes plásticas, mú-

sica e fotografia, que levará os visitantes a viverem experiências culturais únicas. Em exposição estarão obras de José Pedro Croft, André Banha, Miguel Ângelo Rocha e Orlando Franco, os artistas convidados desta 5.ª

edição, iniciativa promovida pela Câmara Municipal de Cascais em parceria com a Fundação D. Luís I.

A instalação que José Pedro Croft traz reúne um conjunto de espelhos que flutuam numa lagoa, criando uma sensação de leveza e profundidade de campo. Um outro elemento mais afastado abre o ângulo de interpretação a outras leituras, jogando com a escala humana e as características da paisagem.

Participando pela segunda vez na LandArt Cascais, André Banha vai apresentar “A Casa das duas Portas#2”, instalação que desafia os visitantes a entrarem na escultura, ocupá-la, percorrê-la e senti-la, fruindo a interação entre a estrutura e a paisagem.

Por sua vez, Miguel Ângelo Rocha concebe uma instalação artística que remeterá o olhar do visitante para linhas que acentuarão o caráter orgânico

das árvores, contrapondo o natural e o artificial. A obra realçará também o percurso e a paisagem da Quinta do Pisão.

Orlando Franco propõe uma obra composta por duas intervenções especialmente pensadas para o espaço da Quinta, instigando o espectador a perceber uma narrativa através da interpretação de marcas deixadas na terra, que representam a passagem de máquinas, animais e pessoas, remetendo para ações, conflitos, eventos ou apenas para a repetitiva passagem do quotidiano.

AS ARTES NA QUINTA: JAZZ, DESENHO E FOTOGRAFIAS ENRIQUECEM PROGRAMA DE ATIVIDADES

Do programa da LandArt Cascais 2013 fazem parte várias atividades. Há, por exemplo, a possibilidade de assistir aos

concertos “Jazz na Quinta”, que contarão com performances de Paula Oliveira, Carlos Barreto, Torbjorn Zetterberg, Edu Miranda, Carlos Lopes, entre outros. Serão ainda realizados workshops de desenho de paisagem, possibilitando aos participantes desenvolver a capacidade de registar artisticamente o olhar sobre a paisagem. À semelhança do ano passado, haverá também um workshop lomográfico. Por sua vez, a Casa da Cal da Quinta do Pisão recebe as fotografias lomográficas captadas pelos participantes do workshop realizado na LandArt 2012. Estão ainda agendadas visitas guiadas às obras com os artistas, que vão explicar o conceito por trás das suas instalações. À exceção dos workshops, todas as atividades são gratuitas.

Fique atento ao programa (www.cm-cascais.pt) e participe! ■

“PAYSIMPLEX”: EM CASCAIS SÓ PAGA O TEMPO DE ESTACIONAMENTO QUE UTILIZA

Na hora de pagar o estacionamento quem é que ainda não se deparou com situações como, não ter moedas suficientes para o parquímetro, ter pago mais pelo período de estacionamento do que aquele que na realidade usufruiu, demorar mais tempo numa consulta e ficar em stress porque o tempo de estacionamento terminou, ou “apanhar” um daqueles dias de chuva torrencial, quando se está com pressa, e ter ainda que percorrer uns metros até ao parquímetro para pôr a moeda, voltar ao carro para colocar o ticket.

Mas estes imprevistos têm os dias contados no concelho de Cascais. A partir de abril, o pagamento dos estacionamentos pode ser efetuado através do telemóvel. O utilizador só precisa de inscrever-se em www.paysimplex.com

e seguir as instruções. Este novo sistema de pagamento dos estacionamentos oferece vantagens imbatíveis em termos de comodidade e eficiência para os utilizadores, quer sejam munícipes ou visitantes. O sistema paysimplex está preparado para aceitar pagamentos em moeda estrangeira.

Assim, Cascais passa a ser o concelho do país com a solução tecnológica mais avançada para o pagamento dos estacionamentos. Inédita entre nós, a aplicação desenvolvida para a autarquia foi concebida com a preocupação de que seja acessível ao maior número possível de utilizadores. Ao carregar o saldo da carteira virtual, através do site [paySimplex \(www.paysimplex.com\)](http://www.paysimplex.com) ou do telemóvel, é o próprio utilizador que faz a gestão

online da sua conta em tempo real, podendo ainda requerer a obtenção de recibos através da área de cliente. Também os comerciantes poderão continuar, através deste sistema, a oferecer o estacionamento aos seus clientes. Os procedimentos são simples e intuitivos e a aplicação está adaptada para smartphone, tablet ou telemóvel standard. O consumidor pode aceder à aplicação através de Web, Web Mobile e App Mobile (Android, iOS, Windows, Blackberry).

A partir de agora, ser utilizador do paySimplex significa não ter de se preocupar mais se, no momento de estacionar, não tiver moedas para o parquímetro. O facto de por vezes não ser possível prever quanto tempo vai demorar, também não se traduzirá em mais uma dor de cabeça porque antes que o tempo

pago expire, recebe-se uma mensagem no dispositivo móvel a alertar para o seu término. E, assim, mesmo no meio de uma reunião, refeição, no cinema ou

num consultório médico, o tempo de estacionamento, pode sempre ser renovado remotamente, evitando as desnecessárias multas por transgressão. ■ IAM





DESPORTO

MILHARES NO DIA MUNDIAL DA ATIVIDADE FÍSICA



“Dia 5 de maio regressa Marginal a Passo de Corrida”



Domingo, 7 de abril, na Avenida Marginal, difícil foi escolher qual a melhor modalidade a praticar. Durante toda a manhã, tendo o mar como pano de fundo, foram milhares aqueles que aproveitaram o asfalto para dar corda aos sapatos, ténis, patins, trotinetes, bicicletas... Em pleno percurso, junto ao palco, o desafio foi participar nas aulas de dança, yoga, step, body vive ou sh'bam com instrutores que nunca

perdem o fôlego. Uns metros mais abaixo, nas águas que o sol desta primavera envergonhada só timidamente aqueceu, pequenos e graúdos desafiavam as ondas com surf e bodyboard. Aqui e ali, clubes e associações, parceiros da edilidade nesta iniciativa que visou celebrar o Dia Mundial da Atividade Física, atraíram a multidão para experimentar jogos tradicionais, escalada, provas de perícia, futebol, beach

rugby, futvolei, corfebol, voleibol, beach ténis tantos outros jogos. O importante era fazer desporto e atingiu-se o pleno! Mais uma manhã bem passada a praticar exercício. Grande aposta da Câmara Municipal de Cascais na adoção de estilos de vida mais saudáveis, a Marginal volta a fechar portas aos carros no primeiro domingo de maio com o regresso da iniciativa “Marginal a Passo de Corrida”. ■

ATLETA DE CASCAIS MONTANDO PURO-SANGUE LUSITANO DESTACA-SE ENTRE OS MELHORES DO MUNDO



Fotos: Equisport

A dupla Gonçalo Carvalho/Rubi (AR) classificou-se em 3.º lugar no Concurso de Dressage Internacional do Qatar. Realizado nos últimos dias de março, este concurso visa evidenciar as qualidades dos cavalos puro-sangue árabe, mas ao

classificar-se em terceiro lugar, o atleta olímpico cascalense e bi-campeão português daquela modalidade equestre, Gonçalo Carvalho, mostrou que o seu cavalo lusitano de 15 anos com ferro da Coudelaria de Alter, não deixa créditos por mãos alheias.

Estão de parabéns pelo esforço e dedicação demonstrados, mas sobretudo por se terem destacados de entre mais de uma centena de cavaleiros de topo de todo o mundo que marcaram presença nesta iniciativa. O Concurso de Dressage Internacional do Qatar decorreu no complexo hípico do Al-Shaqab, um espaço de 17 mil metros quadrados propriedade da Qatar Foundation, localizado em Doha, capital do Qatar. Ao longo de quatro dias, a convite da família real, os melhores cavaleiros do mundo nas modalidades de dressage, saltos de obstáculos e endurance, num total de mais de 250 cavalos e cerca de 90 atletas estiveram neste país árabe com perto de 1,6 milhões de habitantes. ■

VITÓRIA NACIONAL NO CASCAIS BMW DRAGON EUROPEAN CHAMPIONSHIP 2013



José Matoso/Gustavo Lima/Frederico Melo assinaram mais um momento histórico para a vela portuguesa ao vencerem o Cascais BMW Dragon European Championship 2013. A tripulação nacional levou o Drago ao triunfo numa prova que contou com o patrocínio da Câmara Municipal e Cascais. Entre 10 e 13 de abril 200 velejadores oriundos de 16 países, deram corpo a 68 tripulações. Mais uma festa da vela naqueles que são reconhecidos como os melhores campos de regata do mundo. ■

CULTURA

VIAGENS AO SABOR DO VENTO: A HISTÓRIA VIVA DE MOLINOLOGIA E DO CICLO DA MOAGEM

No mês em que se celebrou o dia nacional dos moinhos de vento, deixamos-lhe um roteiro para conhecer este vasto património que conta a evolução da vida de Cascais e das suas comunidades



Texto: Susana Ataíde | Fotos: Sibila Lind e DR

Os moinhos marcaram uma época na história das comunidades. Em algumas localidades do concelho ainda se podem encontrar vestígios de exemplares dessas estruturas que ponteiavam a paisagem e que hoje fazem parte do nosso património histórico, arquitetónico e etnográfico. O seu impacto foi tão relevante que se decidiu instituir o Dia Nacional dos Moinhos de Vento que se comemora a 7 de abril. O concelho de Cascais conta com uma tradição de moagem ancestral. Moinhos de Vento de Torre, Moinhos de Água - Azenha, Moinho de Elevação de Água e Moinho de Armação tipo Americano, constituem as estruturas de moagem mais características do concelho. Por beneficiarem de um mercado abastecedor local e por se localizarem a grande distância das zonas industriais de transformação cerealífera, com exceção da Fábrica de Moagem de Carcavelos datada da primeira metade do séc. XX, estas estruturas mantiveram-se em laboração no concelho até mais tarde do que as suas congéneres da região de Lisboa. Os moinhos sempre estiveram fortemente ligados à comunidade, servindo

principalmente, para moer a farinha para o fabrico do pão, que constitui a base da alimentação. Outras tipologias, como a dos Moinhos de Elevação, não tinham esta função tradicional de moer mas de elevar as águas para rega dos campos e lavagem da roupa. Usualmente, eram construídas a partir do reaproveitamento dos materiais danificados de outros moinhos.

O Moinho de Armação tipo Americano existente em Alcabideche constitui um dos exemplares destas estruturas que resistiram à passagem do tempo. Surgiu na segunda metade do século XIX e deve a denominação a uma armação metálica colocada na cobertura do moinho e à sua origem americana.

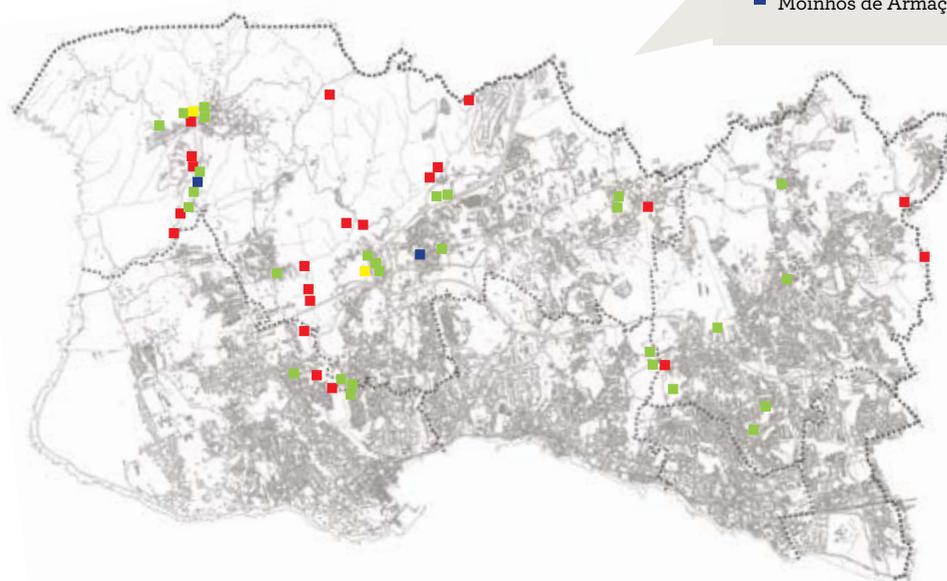
A família Roquete, detentora de uma das principais empresas de construção de aeromotores a nível nacional, pela mão de José Roquete, tomou contato com este tipo de estruturas em 1893 numa feira em Chicago. Com o seu dinamismo, abraçou a ideia e desenvolveu-a de acordo com as necessidades e características do nosso concelho, introduzindo velas em chapa em forma de saco, permitindo um melhor aproveitamento da energia eólica

e maximização da produção. Na sua construção utilizava muito ferro e aço o que o tornava um pouco dispendioso mas tinha a grande vantagem de raramente avariar, tornando estes modelos mais eficazes.

O Moinho de Alcabideche encontrava-se integrado na Quinta de S. Martinho, pertencente à família Pires Correia. Foi cedido ao município no âmbito do Plano de

Urbanização para musealização e preservação de uma memória patrimonial. Tendo sido alvo de um processo de obras de reabilitação que respeitou na íntegra a traça original, sendo por isso possível perceber a “olho nu” que o moinho passou por duas fases distintas de construção. No início trabalhava apenas com a força do vento mas, a partir de 1950, assistiu-se a uma grande evolução na

moagem de Carcavelos. Os proprietários queriam competir com a moagem industrial e introduziram os motores a gasóleo que pegavam à manivela e para isso construíram um anexo. Conseguindo que o moinho estivesse sempre a laborar dia e noite (à luz da candeia) com ou sem vento, moendo três tipos de cereal – trigo, milho e centeio. Esta corresponde à última fase da moagem tradicional. ■



- Moinhos de Água - Azenha
- Moinhos de Vento de Torre
- Moinhos de Elevação de Água
- Moinhos de Armação tipo Americano

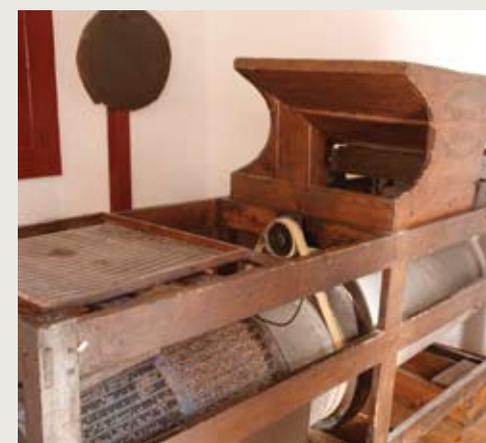


UMA VISITA AO MOÍNHU

O moinho encontra-se aberto ao público realizando algumas atividades que permitem aos visitantes assumirem as funções de moleiro, uma profissão já extinta. Entre quem recebe conhecimento, entre quem revive uma história, recebe anualmente cerca de 6 mil visitantes: de escolas, centros de dia, outros grupos e individuais dentro das atividades promovidas pelo espaço. Apostando no modelo de ação educativa em que o visitante participa em todo o processo desde a moagem até ao fabrico do pão. Durante cerca

de duas horas o participante é convidado a “meter a mão na massa”. O acolhimento é feito no espaço interpretativo do atelier e exposição e assiste a uma explicação sobre a moagem e história da molinologia. A que segue a passagem para o moinho para participar na seleção e observar a moagem do cereal em farinha.

Regressa ao atelier para trabalhar a peneira, separar a farinha do farelo – a Cooperativa Agrícola de Cascais fornece os cereais. O mais usual é o trigo, até há bem pouco tempo por ali cultivado. O





MOINHO DE VENTO DE TORRE

Apresenta uma estrutura em forma de cilindro com capelo giratório, forrado a chapa e alcatrão, onde estão incutidas pequenas rodas em madeira que correndo no fechal em pedra permitem retirar ou colocar o moinho ao vento através da utilização de um sarilho. Na generalidade, possuíam dois casais de mós situados nos pisos intermédios em madeira. A força motriz emanada das velas em lona era recebida por uma entrosga de 32 dentes, que depois a distribuía pelos carretos das mós permitindo o seu funcionamento. Trabalhavam numa base de complementaridade com as Azenhas.



MOINHO DE ARMAÇÃO TIPO AMERICANO

Composto por uma estrutura metálica muito alta que se eleva sobre o edifício de moagem, perfurando a placa do edifício e é assente na própria alvenaria das paredes. A roda motora que integra velas de chapa em forma de saco fornece uma força apreciável que permite mover dois casais de mós e uma máquina de seleção de cereal. Estes moinhos, a exemplo dos moinhos que possuíam dois casais de mós, moíam três tipos de cereais - trigo, milho e centeio. Comprovado pelas características das mós, o casal de mós de pedra rala ou saibrenta moía o milho, enquanto o casal de mós para o trigo e centeio é de pedra branca ou bastarda.



MOINHOS DE ÁGUA - AZENHA

No nosso concelho são de roda copeira de propulsão superior, aproveitando a água trazida por pequenas levadas desviadas das ribeiras. Utilizavam dois casais de mós, cada uma ligada a uma roda copeira, que através de uma entrosga com ligação direta, permitiam o seu funcionamento. Na Azenha de Atrozela inicialmente existia apenas um compartimento de moagem, onde se situava o casal de mós para o trigo e centeio. Posteriormente foi acrescentada um outro para instalação do casal de mós para o milho. Em meados do século XX, foi introduzido nesta azenha um motor a gasóleo, permitindo o seu funcionamento independentemente dos caudais de água existentes na ribeira.



MOINHO DE ELEVÇÃO DE ÁGUA

Este tipo de estrutura é única no nosso concelho. Construído com base nos moinhos de torre de capelo giratório, não utiliza sarilho. O capelo é colocado ou retirado do vento através de uma vara. Tinha como função, a elevação de água do poço sob o qual estava construído para a rega dos campos agrícolas. Com apenas um piso, construído em laje de cimento, na qual assentava o mecanismo do embolo para puxar a água.



centeio é o mais comum no norte do país para a confeção do pão mais escuro.

Com as suas próprias mãos, o visitante é convidado a amassar o pão que fica a levedar. A fermentação é o segredo do pão. Por último a massa é transportada para o forno do moinho para cozer. E desta visita interativa ninguém regressa de mãos vazias: traz-se o pão que cada um amassou.

Visitas: segundas, quartas e sextas-feiras, das 10h-13h e 14h-16h
Tel. 214815942
moinho.armacao@cm-cascais.pt



AGENDA



Consulte toda a programação na Agenda Cultural de Cascais em www.cm-cascais.pt/agenda, ou através de um telemóvel [QR-code]

18 MAIO, 21h00

NOITE DOS MUSEUS



No âmbito das comemorações do “Dia Internacional dos Museus” e da “Noite dos Museus”, os espaços museológicos de Cascais abrem as suas portas à noite e, convidam o público a participar em diversas atividades. ■ MS



MUSEU-BIBLIOTECA CONDES CASTRO DE GUIMARÃES [21h-24h]

Concerto/visita guiada/subida ao torreão

21h30-23h30: Alla Italiana – O agrupamento de música antiga Amato Lusitano interpreta, na varanda da entrada principal do Museu, música instrumental do período barroco.

21h30-22h30: Visitas orientadas à exposição permanente, incluindo a peça em destaque “A Caixa do Chá” e à exposição “Cascais no Terceiro Milénio Antes da Nossa Era”.

21h30-23h30: Subida ao torreão (a confirmar)

Informações: 214815308

a.isabel.freire@cm-cascais.pt

CASA VERDADES FARIA | MUSEU DA MÚSICA PORTUGUESA, 21h

Solistas da *Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras* e o pianista Yan Mikirtumov vão interpretar obras de compositores que foram referências da vanguarda europeia e marcaram a música do séc. XX. Informações: 214815905/4

FAROL MUSEU DE SANTA MARTA [Ponto de Encontro: 20h30]

Chegada: Casa de Santa Maria

Na Rota da Cultura

Rally Paper

Divulgar de uma forma lúdica-pedagógica e descontraída, o património cultural do concelho de Cascais. As equipas participantes



FORTE DE OITAVOS

Noite dos Museus

Como conhecer o Céu Noturno

Quem é que nunca desejou saber identificar uma estrela ou reconhecer uma constelação no céu? Ou localizar a constelação cujo nome está associado ao seu signo? Contrariamente ao que possa parecer, estas identificações são simples e acessíveis, desde que seja seguida a técnica própria, muito fácil de aprender. Breve abordagem das técnicas e procedimentos, recomendações e métodos de identificação, seguida da aplicação prática numa “Visita Guiada ao Céu”, dependente das condições meteorológicas, com exemplificação dos métodos e procedimentos anteriormente referidos na palestra

Conferencista: Prof. Dr. Guilherme de Almeida

Informações: 21 481 59 55

forte.oitavos@cm-cascais.pt

terão de responder a vários desafios que lhe serão propostos nos diversos espaços culturais. Inscrições limitadas a 15 carros: csm@cm-cascais.pt | fmsm@cm-cascais.pt

MOINHO DE ARMAÇÃO TIPO AMERICANO [21h30-23h30]

Noite no Moinho

Animação de Rua

Reviver uma atividade há muito desaparecida, que assentava na laboração dos moinhos de índole comunitária, onde cada família usufruía de algumas horas ou dias de moagem. Recriar estes momentos de partilha e de convívio entre o todo da comunidade, onde cada um poderá moer o cereal que pretende destinar ao pão a ser por si confeccionado, cozido em forno a lenha. No espaço exterior ao Moinho de Armação, uma animação de rua que estará a cargo de banda de baile.

Inscrições: 214815942

moinho.armacao@cm-cascais.pt

Exposições

até 27 abril, 15h-18h

Sábados [horário alternativo por marcação]

Qta dos Caniços – Galeria de Artes [Tires]

Exposição de Escultura de Laura Vicente

Informações: 924180848

quintadoscanicos@gmail.com

até 30 abril

Segunda a sexta-feira, 15h-21h

Sábados, 10h-22h

Sede da Associação - O CÍRCULO [Birre]

Contos do Desencanto

Informações: 917690086

até 8 maio, 15h-01h

todos os dias

Galeria de Arte do Casino Estoril

XXVI – Salão de Primavera – Prémio Rainha Isabel de Bragança

Informações: 214667800

5 a 19 maio, 10h-18h

Terça-feira a domingo

Centro Cultural de Cascais

Exposição de trabalhos dos

Alunos de Artes da Escola

Secundária de Cascais

Informações: 214848900

até 22 maio, 10h-18h

Terça-feira a sábado

Galeria de Arte da JF Estoril

Estoril Art 2013

Informações: 214646140

até 26 maio

Terça a sexta-feira, 10h-17h

Sáb. e Dom., 10h-13h e 14h-17h

Casa de Santa Maria | Farol Museu de Santa Marta

Narrativas Marítimas

Informações: 214815382/3

csm@cm-cascais.pt

fmsm@cm-cascais.pt

até 29 maio, 10h-18h

Terça-feira a domingo

Centro Cultural de Cascais

Pintura Recente – Pintura de

Christian Bonnefoi

Informações: 214848900

até 30 junho

Terça a Sexta-feira, 10h-17h

Sáb. e dom. 10h-13h e 14h-17h

Forte de Oitavos

Azul-Oceano, Verde-Mar – Pintura,

desenho e fotografia de

Catarina Cardoso

Informações: 214815949

forte.oitavos@cm-cascais.pt

Teatro. Dança

20 abril, 17h30

Auditório Fernando Lopes Graça

Recordar é Reconhecer...

No âmbito do Dia Mundial da Dança

Escola de Dança Ana Mangerício

Informações: 214815330

21 abril, 16h

Sociedade Recreativa Outeirense

Outeiro Polima

“A Encenação”, de Lauro António,

encenação Manuel Maduro e repre-

sentação Grupo de Teatro Amador

“Os Padurar”

Gratuito

até 19 maio

Quarta-feira a sábado, 21h30

Domingo, 17h

Teatro Municipal Mirita Casimiro

Viagem à Roda da Parvónia

10 € | 5 € - Menores de 25 anos,

maiores de 65 anos, grupos com

mais dez espetadores, estudantes,

profissionais do espetáculo

Informações e reservas: 214670320

19 maio, 16h-18h

Auditório Colégio Maristas

Carcavelos

21º Festival da Primavera

Gratuito

Música

19 abril, 21h

Clube Desp. da Costa do Estoril

Tchaikovsky – Concerto pelo

S. Petersburg Musicanti

Informações e reservas [até 3

dias antes]: 214682882

cdce@gmail.com

20 abril, 16h

Museu do Mar – Rei D. Carlos

Concerto de Primavera

Coro de Câmara de Cascais

Informações: 214815955

museumar@cm-cascais.pt

21 abril, 16h

Igreja Paroquial de Carcavelos

Concerto da Páscoa

e da Ressureição

Informações e reservas: 919544190

21 abril, 16h

Museu da Música Portuguesa

Casa Verdades de Faria

Musitrio – Recital de Música

de Câmara

Informações e reservas: 214815904/5

25 abril, 10h

Jardim Júlio Moreira | Carcavelos

39 anos do 25 abril em música

Concerto da Banda da Socie-

dade Recreativa Musical

de Carcavelos

Desfile da banda pelas ruas da

localidade, que culminará com

concerto às 11h, dirigido pelo

Maestro José Nogueira.

Informações: 214566653

srmcarcavelos@sapo.pt

30 abril, 18h

Largo Cidade Vitória

International Jazz Day

Entrada livre

Informações: 962773470

5 maio, 16h

Museu da Música Portuguesa

Casa Verdades de Faria

Concerto - Sentica Duo

Informações: 214815904

17 maio, 21h

Sede Clube Desportivo

Costa Estoril

S. Petersburg Musicanti

interpretam

Brahms e Isaac Albéniz

Informações: 214682882 ou

964015078 | cdce@gmail.com

cultural.cdce@gmail.com

AGENDA

Até 19 maio, 10h-18h
Terça-feira a domingo
Centro Cultural de Cascais

The Price of Beauty

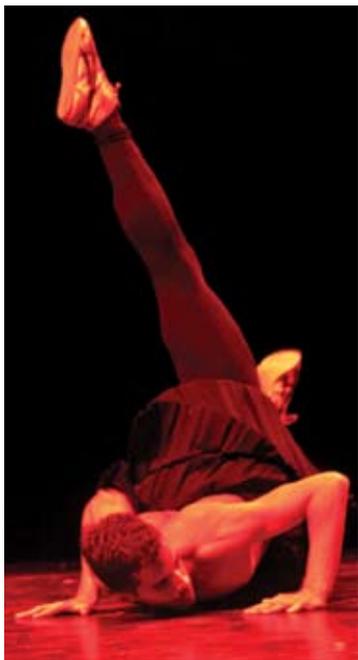
Informações: 214848900

Nascida no Brasil, de nacionalidade alemã e residente em Cascais, Haidji tem dedicado a sua criatividade a vários meios, desde a joalheria à pintura, com resultados muito interessantes.

Apresenta um conjunto de fotografias particularmente sugestivas, onde sobressai uma dimensão narcisista de que não está ausente uma corrente irónica.



26 abril, 21h30
Auditório Fernando Lopes
Graça | Parque Palmela



Jazzy Dance

Informações e reservas:
214825447

A Jazzy Dance Studios irá apresentar vários trabalhos desenvolvidos ao longo do ano letivo, abrangendo diversas áreas como o Street Dance, Salsa, Tribal Fusion Belly Dance e Dance Kids.

19 maio, 15h-16h30
Casa de Santa Maria

Os Azulejos que contam Histórias

Visita guiada e oficina de realização moldura a imitar o azulejo utilizando uma técnica idêntica à decoupage

10€ (inclui material)
Famílias com crianças a partir dos 4 anos. Inscrições: 214815382/3
csm@cm-cascais.pt

Era uma vez, há muitos anos....

Quem mandou construir a casa, quem foi o arquiteto, quem a habitou, que património integrado podemos encontrar? Que histórias tem esta casa para nos contar?



17 de maio, 10h-23h
Forte S. Jorge de Oitavos



II Mercado d'Oitavos A Aventura Pirata

Inscrições para o Teatro às 11h e 21h: forte.oitavos@cm-cascais.pt
214815949

A ASSINALAR...

18 abril Dia Internacional dos Monumentos e Sítios

23 abril Dia Mundial do Livro

29 abril Dia Mundial da Dança

14 maio Seminário Design Innovation [Auditório Casa das Histórias Paula Rego]

Recriação histórica de um mercado do século XVIII, com oficinas temáticas e bancas de produtos com artesãos vestidos à época.

Os visitantes serão convidados a embarcar nesta aventura! Mas estejam atentos... Os piratas podem atacar o Forte! Muita atenção ao Capitão Barba de Coral e ao Contramestre Barrica. Eles andam por perto... Espetáculo de teatro infanto-juvenil, com marionetas. Micas, Laidinha e Venâncio (os primos da aldeia) chegam ao Forte e com a ajuda dos convidados vão lembrar uma história bem antiga: "O Patinho Feio". É a história do Agostinho que anda triste, porque todos troçam dele...

Nesta aventura descobre que os outros animais da quinta também têm os seus defeitos.

até 27 setembro, 10h-18h [Segunda a sexta-feira]
Espaço Memória dos Exílios

A Memória da Segunda Guerra Mundial em Objetos

Informações: 214815930
eme@cm-cascais.pt

Exposição constituída por materiais da época originais, pertencentes à coleção particular de A.N.Fragoeiro. Tem como objeti-

vo divulgar e Promover o estudo do período da Segunda Guerra Mundial, bem como oferecer aos entusiastas desta temática uma perspetiva diferente dos vários momentos do conflito, recorrendo à imagem e ao objeto usado no campo de batalha. Revela-se, assim, a história por trás de cada objeto...



Livros. Cursos. Palestras

23 abril, 18h30

Biblioteca Municipal de Cascais
Casa da Horta da Qta de Sta Clara
Lançamento do livro "Tudo Começou aqui", de Telma Correia Faria
Informações: 214815403/4

11 maio, 15h30

Espaço Memória dos Exílios
"Aristides de Sousa Mendes, Trinta Mil vidas poupadas", de Teresa Mascarenhas
Informações: 214815930/09
eme@cm-cascais.pt

17 maio, 21h30

Biblioteca Municipal de São Domingos de Rana
Noites com Poemas
Com José Fanha – 40 Anos de Poesia"
Informações: 214815403/4

18 maio, 15h30

Espaço Memória dos Exílios
Apresentação do Livro "Salazar e o Poder. A Arte de Saber Durar", do Professor Fernando Rosas
Informações: 214815930/09
eme@cm-cascais.pt

9, 14 e 22 maio, 17h30
Centro Cultural Cascais

Ciclo de Conferências Ler é Viajar: Viagem até à Origem

Oradora: Helena Vasconcelos
9 maio | As Narrativas Homéricas
14 maio | As Narrativas Bíblicas
22 maio | As Narrativas Populares Europeias
Inscrições, até dois dias antes:
2148 5419

18 maio, 14h-17h

Roteiro | Conferências "Duas casas, Duas mundividências"
Museu-Biblioteca Condes Castro Guimarães, 14h: "Designios da arquitetura de Jorge O' Neill: a torre de S. Sebastião" pela Dr.ª Denise Pereira
Casa Santa Marta, 16h: "Raúl Lino e a intervenção no património Arquitetónico" Arq.ª Marta Rocha
Inscrições: 214815304 | 214815382
mccg@cm-cascais.pt
csm@cm-cascais.pt

22 maio, 16h

Museu do Mar Rei D. Carlos Paços revisitados. Residências Régias ao tempo do Rei D. Carlos
Conferencista: Dra. Maria do Carmo Rebello de Andrade
Inscrições: 214815955
museumar@cm-cascais.pt

Desporto

20 abril, 15h-17h

Parque Marechal Carmona
Orientação
5 €. Informações: 961304923
mail@desnivel.pt

20 abril, 11h

Complexo Desportivo Municipal da Abóboda
Iron Wo[man]
Gratuito.
Informações: 214825579/56

28 abril, 9h

Parque Natural Sintra-Cascais
Passeio de BTT
Gratuito.
Informações: 211931636
btt@muitaventura.com

28 abril, 9h30-12h

Praia dos Pescadores
Passeio de windsurf
20 €. Informações:
adncascais@gmail.com

4 maio, 14h-16h

Praia da Duquesa
Piscina Oceânica de Cascais
Mergulho
30 €. Informações:
cascaisdivecenter@gmail.com

Infantil e Juvenil

27 abril, 14h30

Biblioteca Municipal de Cascais
Casa da Horta da Qta de Sta Clara
Semear...Para depois colher
Usos das plantas: Pinturas com Pigmentos naturais
Informações: 214815418

4 maio, 16h

Ludobiblioteca Rómulo de Carvalho
Duas Mãos, Duas Guitarras
Sonoridades das cordas de aço e sonoridades das cordas de nylon
Informações: 96144150
ludobiblioteca.romulo@gmail.com

8 maio, 17h30-18h30

Ludoteca de Alcoitão
Retratos "Pop Art"
Desenhar retratos ao estilo Andy Warhol
10-15 anos. 1,5 €
Inscrições: 961952877
ludotecadealcoitao@gmail.com

25 maio, 10h-12h30

Ludoteca da Galiza
Vem tocar com os Tambóra
Oficina de Iniciação à Percussão
Informações: 214693396
ludotecadagaliza@gmail.com

Outros eventos

5 maio, 10h-13h

Partida em autocarro em frente Paços do Concelho seguido passeio pedonal
Da Vigia do Facho ao Marégrafo de Cascais | uma visita pelos Patrimónios
Gratuito. Inscrições: 214815323

12 maio, 9h-11h

Ponto de Encontro: Entrada principal da Quinta do Pisão
Passeio Interpretativo pela Quinta do Pisão
6 €. Inscrições: atividadesnatureza@cascaisambiente.pt

16 maio | 4 junho, 18h

Museu Condes Castro Guimarães
Peça em destaque:
Caixa para Chá
Informações: 214815308

25 maio | 8 junho, 9h-13h

Da praia da Parede até ao limite Oeste da Ziba
Visita guiada à Zona de Interesse Biofísico das Avenças
Para famílias .6 €. Gratuita para menores de 3 anos. Inscrições:
atividadesnatureza@emac-em.pt



CASCAIS

Visita guiada à melhor editora da Europa: Planeta Tangerina

p.11



CULTURA

Ao sabor do vento: roteiro para conhecer os moinhos de Cascais

p.20-21

CASCAIS

Câmara Municipal de Cascais devolve IRS aos munícipes

p.10

Turismo local bateu recordes em 2012

p.10

CONFERÊNCIAS DO ESTORIL

DESAFIOS GLOBAIS
RESPOSTAS LOCAIS

30 DE ABRIL
A 3 DE MAIO

ANTHONY GIDDENS
CHRISTOPHER PISSARIDES
CYRIL MULLER
ESPERANZA AGUIRRE
FRANÇOIS-XAVIER DE DONNEA
FREDERIK DE KLERK
GEORGE YIP
HANS ROSLING
HELENA REGO
HERMAN VAN ROMPUY
HORTA OSÓRIO
JEAN HELWEGE
JOÃO CARLOS ESPADA
JOÃO VALE DE ALMEIDA
JOHN BRUTON
JORGE SAMPAIO
KOLINDA GRABAR KITAROVIC
LECH WALESIA
MARIANA VAN ZELLER
PIA CAYETANO
RACHEL GOLDSTEIN
RICARDO ERNST
RUUD LUBBERS
SANJIT "BUNKER" ROY
SHIRIN EBADI
STANLEY ANYETEI
TAO TAO CHEN
TOBY HEAPS
VANDANA SHIVA
VIKTOR ORBÁN

4 DIAS

80 ORADORES

33 NACIONALIDADES

50 HORAS EM DEBATES



CASCAIS

Elevada às Pessoas

>> conferenciasdoestoril.org